



UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física – PPGCAF

FREDERICO GUIMARÃES DE OLIVEIRA

**REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM POSIÇÕES DE LIDERANÇA NO
FUTEBOL CARIOCA**

Niterói

2026

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física – PPGCAF

FREDERICO GUIMARÃES DE OLIVEIRA

**REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM POSIÇÕES DE LIDERANÇA NO
FUTEBOL CARIOCA**

Niterói

2026

FREDERICO GUIMARÃES DE OLIVEIRA

REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM POSIÇÕES DE LIDERANÇA NO
FUTEBOL CARIOCA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, da Universidade Salgado de Oliveira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física. Área de Concentração: Aspectos Biodinâmicos e Socioculturais da Atividade Física. Linha de Pesquisa: Educação Física, Atividade Física, Esporte e Manifestações Culturais. Projeto de Pesquisa (do Orientador): Relações Étnico-Raciais, Gênero, Educação Física e Esporte: significados instituídos e instituintes.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Niterói

2026

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Frederico Guimarães de.

Representatividade feminina em posições de liderança no futebol carioca.

O48 / Frederico Guimarães de Oliveira. – Niterói, RJ, 2026.

xv, 16-115.; il., tabs.

[Numeração da publicação: [i] – xv -16-64p.

Referências: P. 53-56.

Apêndice: P. 57-62.

Anexo: P. 63-64.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) - Universidade Salgado de Oliveira, 2026.

1. Futebol – Mulheres - Liderança. 2. Futebol feminino - Representatividade. 3. Futebol feminino – Rio de Janeiro (RJ). I. TÍTULO.

CDD 796.334082098153

FREDERICO GUIMARÃES DE OLIVEIRA

“REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM POSIÇÕES DE LIDERANÇA NO FUTEBOL CARIOCA”

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física, aprovada no dia 28 de maio de 2026 pela banca examinadora, composta pelos professores:

Documento assinado digitalmente



CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO DA SILVA
Data: 28/05/2026 21:25:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Professor do PPG em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira
(UNIVERSO)

Documento assinado digitalmente



LEANDRO RIBEIRO DE LACERDA
Data: 30/05/2026 22:15:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leandro Ribeiro de Lacerda

Professor das Faculdades Integradas Hélio Alonso
(FACHA)

Documento assinado digitalmente



SUMMAR ALFREDO GÓMEZ BARRIOS
Data: 02/06/2026 15:34:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Summar Alfredo Gómez Barrios

Professor do PPG em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira
(UNIVERSO)

DEDICATÓRIA

Aos meu filhos Maria, Francisco e Olivia. Que vocês possam se orgulhar do que o seu pai fez também como professor e pesquisador.

Aos meus alunos Daniel Guimarães e Yan Henrique. A partida, precoce e repentina, de vocês deixou saudades em mim e em seus amigos, mas também o dever de sempre os levar conosco em tudo que fizermos.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva pelas orientações, paciência e sensibilidade com um tratamento humano sempre enxergando o indivíduo antes do pesquisador, a vida antes da produção.

À minha esposa, Janaína, por ser suporte, aconchego e amor. Sem você talvez eu tivesse desacreditado, novamente, do que sou capaz.

À minha mãe, Leni, e minha irmã, Izadora. Seu amor e apoio incondicionais, e a compreensão da minha forma de amar, mesmo na distância, sempre fizeram toda a diferença na minha vida. Eu posso ser melhor porque eu tenho vocês.

Aos meus alunos, em especial as turmas 2022.2 e 2023.1 do Instituto Federal Fluminense Campus Centro, que me provaram que a relação de afeto entre professores e alunos potencializa o aprendizado de ambos e cria, a partir desta força, um ambiente de respeito, comprometimento e engajamento.

E aos meus filhos, Maria, Francisco e Olivia, que me nutrem de amor, esperança e sentido. Eu sonhei com vocês a minha vida toda e, quando vocês chegaram, percebi que meus sonhos eram ainda pequenos diante da realidade deste amor e de quem vocês são e serão. Farei sempre de tudo para ser o pai que vocês precisam.

EPÍGRAFE

A voz de minha filha recolhe todas as nossas
vozes recolhe em si as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas. A voz de minha
filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o
hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará
ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Ser mulher não é uma qualidade inerente, mas sim um desempenho moldado pelas normas e expectativas da sociedade. O contexto histórico da participação feminina no futebol revela uma interação complexa entre as normas sociais e a expressão atlética. Para promover um ambiente mais inclusivo e equitativo no esporte, é essencial defender uma maior representação feminina em posições de liderança. Portanto, o objetivo do presente estudo foi verificar a justa ocupação das posições de liderança em clubes que disputam as primeiras divisões do campeonato carioca de futebol, na categoria masculina e feminina, nos anos de 2023 e 2024. Nesta pesquisa encontramos 11,11% dos cargos sendo ocupados por mulheres. Se fizermos o recorte apenas do campeonato feminino esta ocupação é 21,43%, porém no masculino é de 0%. As posições de liderança ainda são majoritariamente masculinas, reforçando o status quo social e desafiando as mulheres que as ocupam a demonstrarem uma performance de gênero e resultados irretocáveis para que tenham seu potencial reconhecido por sua capacidade técnica. As mulheres entrevistadas acreditam que a maior representatividade transforma a perspectiva de atletas, ex atletas e mulheres apaixonadas pelo futebol, as fazendo compreender que é possível sim ocupar cargos de liderança e contribuir para o desenvolvimento do esporte.

Palavras-chave: Liderança feminina, futebol, representatividade

ABSTRACT

Being a woman is not an inherent quality, but rather a performance shaped by social norms and expectations. The historical context of women's participation in football reveals a complex interaction between social norms and athletic expression. To promote a more inclusive and equitable environment in sports, it is essential to advocate for greater female representation in leadership positions. Therefore, the aim of this study was to examine the fair occupation of leadership roles in clubs competing in the first divisions of the men's and women's categories of the Rio de Janeiro football championship in 2023 and 2024. In this research, we found that 11.11% of these positions were held by women. When considering only the women's championship, this share rises to 21.43%, whereas in the men's championship it is 0%. Leadership positions remain predominantly male, reinforcing the social status quo and challenging the women who occupy them to demonstrate impeccable gender performance and professional results in order to have their potential recognized for their technical competence. The interviewed women believe that greater representation transforms the perspective of athletes, former athletes, and women passionate about football, making them realize that it is indeed possible to hold leadership positions and contribute to the development of the sport.

Keywords: Female leadership, soccer, representation.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACD – Análise Crítica do Discurso

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

FIFA – Federação Internacional de Futebol

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

LISTA DE FIGURAS

PÁGINAS

Figura 1 – Fluxo de Sistematização de Busca	28
Figura 2 – Tabela de Estudos Analisado	29

LISTA DE TABELAS

PÁGINAS

Tabela 1 – Descrição da amostra	39
Tabela 2 – Análise dos dados	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Problematização.....	15
1.2 Justificativa.....	17
1.3 Relevância.....	18
1.4 Objetivo Geral.....	19
1.5 Objetivos	
Específicos	19
1.6 Metodologia.....	
19	
1.7 Organização da	
Dissertação.....	21
2 ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA	23
3 ARTIGO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
DEMAIS PRODUÇÕES ACADÊMICAS	
.....	50
Artigos, livros ou capítulos de livros publicados, Apresentação em Simpósios,	
Congressos, dentre outros	50
4 CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES E ANEXOS.....	60
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	60
Apêndice B - Termo de Assentimento.....	61
Apêndice C - Questionário/Roteiro 1	62
Anexo A - Termo de Autorização do Comitê de	
Ética	63
Anexo B - Termo de autorização para disponibilização de trabalhos	
científicos.....	64
Anexo C - Relatório de Autenticidade do DocxWeb ou CopySpider ..	65

INTRODUÇÃO

Problematização

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo e, historicamente, tem sido dominado por homens em todas as suas esferas. No entanto, nos últimos anos, há um aumento significativo na participação de mulheres no futebol em várias capacidades, incluindo a atuação em comissões técnicas de clubes masculinos e femininos. No Brasil, onde o futebol é uma paixão nacional, a participação das mulheres nessas comissões tem sido um tema crescente de discussão e debate. Segundo a consultoria Sponsorlink do IBOPE REPUCOM (2023) de 2018 a 2022 houve um incremento de 26% na participação de mulheres no mercado consumidor do futebol e, segundo levantamento da CBF (2023), elas são 28% das pessoas profissionais de futebol.

Desde a criação do primeiro clube de futebol no Brasil, São Paulo Athletic Club, fundado em 13 de maio de 1888 e, inicialmente, chamado de “British Club”, a presença de mulheres em posições de liderança e tomada de decisão tem sido limitada. O futebol no Brasil sempre foi um ambiente dominado por homens, tanto em campo quanto fora dele. As mulheres foram excluídas por muito tempo, e a participação delas em posições de poder e influência no futebol tem sido historicamente limitada.

Uma das primeiras mulheres a ocupar uma posição de destaque em uma comissão técnica foi Emily Lima. Em 2017, ela se tornou a primeira mulher a treinar a seleção brasileira feminina de futebol, trazendo consigo sua experiência como jogadora e treinadora em equipes de clubes. Sua nomeação foi um marco importante na história do futebol feminino brasileiro, dando visibilidade e reconhecimento ao trabalho das mulheres no esporte. Os desafios enfrentados pelas mulheres que atuam em comissões técnicas de futebol no Brasil são numerosos e variados. Entre eles estão a falta de oportunidades, a discriminação de gênero e a falta de recursos para desenvolver suas habilidades profissionais. Embora muitas mulheres tenham habilidades e conhecimentos para contribuir para as comissões técnicas, elas ainda são sub-representadas nesse ambiente.

As mulheres tiveram que lutar muito para serem reconhecidas como parte integrante do futebol brasileiro. Durante muitos anos, a ideia de que o futebol era um esporte exclusivamente masculino prevaleceu, o que tornou o acesso das mulheres a cargos de comando nas comissões

técnicas praticamente impossível.

A presença feminina nas comissões técnicas de futebol tem um grande potencial de transformação. A inclusão de mulheres pode trazer novas perspectivas, habilidades e ideias para o futebol brasileiro. Além disso, a participação das mulheres pode ajudar a criar um ambiente mais inclusivo e representativo para todos os envolvidos no esporte. A história da participação das mulheres em comissões técnicas no futebol brasileiro é marcada pela exclusão e pela luta por igualdade de gênero. Um estudo da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) divulgado em 2017 mostrou que, na época, apenas 12% dos membros de comissões técnicas das equipes femininas de futebol eram mulheres, enquanto nas equipes masculinas esse número era ainda menor, com apenas 3% de mulheres em comissões técnicas. Além disso, apenas 2,2% dos treinadores registrados na CBF eram mulheres.

Há décadas se estudam as dificuldades enfrentadas por mulheres em posições de liderança no esporte em outros países (Burton, 2015) e no Brasil (Mesquita et al., 2022). O modo como foi construído o papel social da mulher ao longo do século XX limitou o acesso das praticantes em determinadas modalidades esportivas, entre elas o futebol, praticamente impossibilitou a entrada e o desenvolvimento dessas profissionais em cargos de liderança (Butler, 2017; Abram, 2006; Passero, 2019).

O futebol foi um dos esportes mais vinculados aos atributos da masculinidade e, conseqüentemente, apresentou grande resistência social para a participação de meninas e mulheres. As barreiras sociais não foram exclusividades brasileiras, sendo enfrentadas em diversos países. Mas o caso brasileiro apresentou uma particularidade: além da generificação do esporte, a proibição legal decretada em 1965 também impediu que as mulheres praticassem a modalidade por décadas no país.

Às mulheres não se permitia a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (Brasil, 1965).

Durante o Estado Novo, o governo de Getúlio Vargas promoveu um nacionalismo exacerbado e a estatização das atividades socioculturais. O futebol, sendo um esporte popular, foi um dos alvos dessa política. Deste modo, sendo ele considerado um esporte violento, viril e, portanto, incompatível com a “natureza feminina” acreditava-se que a sua prática poderia afetar as funções orgânicas das mulheres e sua capacidade de serem mães. Todavia, a proibição não foi capaz de impedir que elas se organizassem em campos de várzea e nas periferias, mas atrasou todo o processo de formação das praticantes e a qualificação das profissionais (Silva, 2017).

Apesar dos desafios, há um crescente reconhecimento da importância da diversidade de gênero nas comissões técnicas de futebol. A inclusão de mulheres pode trazer novas perspectivas, habilidades e ideias para o futebol brasileiro. Além disso, a participação das mulheres pode ajudar a criar um ambiente mais inclusivo e representativo para todos os envolvidos no esporte (Goellner, 2007).

De acordo com a análise de dados históricos realizada por Martins et al. (2021), o número de mulheres em comissões técnicas no futebol brasileiro aumentou significativamente nas últimas décadas, especialmente no futebol feminino. No entanto, a presença de mulheres em cargos de liderança ainda é muito limitada, e a maioria ocupa posições de menor visibilidade e poder decisório.

Por fim, Teixeira et al. (2013) destacam a importância da criação de políticas e ações afirmativas que visem a promoção da igualdade de gênero no futebol brasileiro, incluindo ações que incentivem a presença de mulheres em comissões técnicas. Além disso, é importante destacar que a participação de mulheres em comissões técnicas de futebol não é apenas uma questão de justiça social e igualdade de oportunidades, mas também pode trazer benefícios técnicos para os clubes.

Justificativa

De acordo com Goellner (2021), a baixa representatividade de mulheres em posições de liderança no futebol brasileiro está relacionada a uma série de fatores estruturais, como a predominância de uma cultura machista e patriarcal no esporte, bem como a falta de políticas efetivas de inclusão e diversidade por parte dos clubes e das entidades gestoras.

Segundo Salvini et al. (2016), a desigualdade de gênero no futebol brasileiro se reflete também na falta de investimentos em infraestrutura e programas de formação voltados especificamente para as mulheres. Isso tem consequências diretas na formação de novas treinadoras e demais pro-fissionais das comissões técnicas, criando um ciclo vicioso de desigualdade e exclusão.

Estudos mostram que equipes mais diversas tendem a ser mais inovadoras e criativas, o que pode ser traduzido em melhor desempenho em campo (Martins et al. 2021; Passero et al. 2020). Além disso, mulheres que trabalham em comissões técnicas de futebol podem trazer uma perspectiva diferente e complementar aos treinadores e demais membros da equipe, contribuindo para um ambiente de trabalho mais colaborativo e produtivo. Em seu estudo sobre

a inclusão de mulheres no futebol brasileiro, Passero et al. (2020) argumenta que a presença de mulheres em comissões técnicas é fundamental não apenas para garantir a equidade de gênero no esporte, mas também para ampliar a diversidade de perspectivas e experiências na tomada de decisões estratégicas.

Relevância

Historicamente, a participação feminina em posições de liderança e tomada de decisão tem sido limitada e muitas vezes desencorajada. No entanto, nos últimos anos, tem havido um aumento gradual da participação de mulheres em comissões técnicas, especialmente em equipes femininas de futebol.

A participação de mulheres em comissões técnicas pode trazer benefícios tanto para as equipes de futebol quanto para as próprias mulheres envolvidas. A diversidade de gênero em comissões técnicas pode levar a uma maior criatividade e inovação, bem como a uma tomada de decisão mais equilibrada. Além disso, a presença de mulheres em comissões técnicas pode servir como um modelo para jovens jogadoras de futebol, encorajando-as a buscar oportunidades de liderança e desenvolvimento profissional.

É crucial que as federações e entidades gestoras do futebol brasileiro também desempenhem um papel ativo na promoção da igualdade de gênero nas comissões técnicas. É necessário que sejam estabelecidas metas claras de representatividade feminina e que sejam implementadas políticas de monitoramento e avaliação para garantir o cumprimento dessas metas. Também é importante investir em programas de capacitação e formação específicos para mulheres interessadas em seguir carreira nas comissões técnicas. Outro aspecto relevante é a conscientização e engajamento da sociedade como um todo. É necessário que a torcida, os patrocinadores e os veículos de comunicação esportiva também apoiem e valorizem a participação feminina nas comissões técnicas, contribuindo para a mudança de mentalidade e a quebra de estereótipos de gênero arraigados no futebol.

Objetivo Geral

A pesquisa tem como objetivo examinar a participação de mulheres em comissões técnicas de clubes de futebol no estado do Rio de Janeiro, analisando seu perfil, as oportunidades e desafios enfrentados, bem como as políticas e práticas de inclusão e

diversidade, adotadas pelos clubes e compreender se há justa ocupação dos espaços, remuneração e políticas institucionais de equidade nos clubes do futebol brasileiro, a partir da mensuração sobre a participação de mulheres em comissões técnicas de clubes de futebol no Brasil.

Objetivos Específicos

1) Descrever o perfil das mulheres que atuam em comissões técnicas de futebol no Rio de Janeiro, incluindo sua formação, experiência profissional e trajetória no esporte.

2) Analisar através do discurso destas mulheres as oportunidades e os desafios enfrentados por elas em suas atuações nas comissões técnicas de futebol no país, considerando fatores como discriminação de gênero, falta de oportunidades, barreiras culturais e estereótipos de gênero.

3) Investigar as políticas e práticas de inclusão e diversidade, adotadas pelos clubes de futebol em relação à participação de mulheres em comissões técnicas, incluindo iniciativas de recrutamento, capacitação e desenvolvimento de lideranças femininas.

Método

A presente pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem quanti-tativa e qualitativa. Foram coletados dados por meio de entrevistas semies-truturadas e análise documental. A amostra foi composta por mulheres que atuam em cargos de liderança no futebol. Os dados foram analisados por meio de técnicas estatísticas descritivas e inferenciais. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Salgado de Oliveira, protocolo 60091616.6.0000.5289, processo 1738471.

A análise quantitativa permitiu a coleta de dados sobre o número de mulheres que atuam em comissões técnicas, a posição que ocupam nas comissões, e sua representatividade em relação a quantidade de cargos gerados pelos clubes. Para esta coleta, a pesquisa buscou as informações públicas contidas nos sites dos clubes e súmulas dos jogos, a fim de identificar os membros registrados das comissões técnicas em suas funções. Deste modo foi possível ter um panorama de quais são as funções da co-missão técnica ou gestão onde as mulheres têm mais representatividade. Para o tratamento destes dados utilizou-se a estatística descritiva a fim de se esboçar o perfil dessas profissionais e de suas funções.

A análise qualitativa através da entrevista possibilitou a coleta de informações mais detalhadas sobre as oportunidades e desafios enfrentados pelas mulheres que atuam em comissões técnicas, bem como as políticas e práticas de inclusão e diversidade, adotadas pelos clubes de futebol em relação à participação de mulheres.

São elegíveis a pesquisa, mulheres que tenham assumido cargos em equipes de futebol participantes dos campeonatos cariocas feminino e masculino da série A, e que constem nos registros oficiais dos clubes, sejam em redes sociais oficiais, site, registro de contrato ou súmulas. Não serão entrevistadas as mulheres que, mesmo com contrato como clube, não exerçam funções de liderança ou que envolvam tomada de decisão diretamente ligada a gestão do futebol, seja em sua esfera financeira, administrativa ou de pessoas. Para tal, considerou-se as funções de treinadora, coordenadora, diretora de futebol, gerente, vice-presidente de futebol e presidente do clube.

Para Manzini (1990), a entrevista semiestruturada é uma das formas para coletar dados que se insere em um espectro conceitual maior que é a interação realizada no momento da coleta. Deste modo, segundo o autor, a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, com um objetivo previamente construído, e um entrevistado que, por suposto, possui a informação que viabiliza estudar o referido fenômeno, objeto de pesquisa, e cuja mediação ocorre, em suma, por meio da linguagem. Deste modo, esta pesquisa tratará de delimitar as questões do roteiro, identificando os objetivos de cada uma delas, priorizando uma comunicação fluida e eficaz. Triviños (1987) distingue quatro categorias ao se construir perguntas para uma investigação semiestruturada: 1) perguntas denominadas consequências; 2) perguntas avaliativas; 3) questões hipotéticas e 4) perguntas categoriais. O autor salienta que as categorias de perguntas não devem, em momento algum, ser amarras para entravar a pesquisa, e sim, oportunidades para abrir perspectivas de análise e interpretação de ideias. A entrevista será realizada, após liberação do comitê de ética, com as mulheres em atividade nos cargos desde que se sintam confortáveis com as questões e assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Esta pesquisa contém riscos próprios a sua natureza, entre eles o desconforto de revisitar situações possivelmente traumáticas, assim como redespertar gatilhos referentes a elas. Caso ocorresse algum problema, o participante seria encaminhado para um dos setores da universidade, o Serviço Psicologia Avançado (SPA), para acompanhamento psicológico. A fim de manter a confidencialidade não foram usados dados que pudessem identificar a participante. Deste modo, nenhum dado que pudesse identificar o nome, codinome, iniciais, registros individuais, informações postais, números de telefones, endereços eletrônicos, fotografias,

figuras, características morfológicas (partes do corpo), entre outros não foram utilizados sem prévia autorização. Os dados foram armazenados em disco rígido externo, fora de ambiente virtual para impedir fuga de informações por ataques ou invasões de terceiros. Permanecerão sob guarda e responsabilidade do pesquisador principal por 5 anos após o término da pesquisa. Após o cumprimento do prazo, os dados serão depositados no arquivo morto do Programa de Pós-graduação da universidade e não serão armazenados na “nuvem”, de modo a evitar qualquer possibilidade de vazamento.

Após as coletas de dados, as entrevistas foram analisadas para se responder as questões sobre as oportunidades e desafios enfrentados por essas mulheres, de forma a entender as políticas e práticas de inclusão e diversidade, adotadas pelos clubes identificando se há justa ocupação dos espaços, remuneração e políticas institucionais de equidade nos clubes do futebol brasileiro.

1.2 Organização da dissertação

Esta dissertação foi composta por uma introdução que pretende sustentar e justificar a importância da temática que é estudada. Na introdução, buscou-se fundamentar, na literatura existente, a necessidade de se investigar o papel da mulher no universo do futebol, universo este que reflete em muitos aspectos a nossa composição e nosso comportamento social. A fim de aprofundar os argumentos e entender o histórico de pesquisas sobre esta temática, formulou-se um estudo de revisão, sistematizado para uma análise mais organizada e fidedigna do que se espera encontrar quando pesquisamos a representatividade das mulheres em posições de liderança no futebol.

Após sedimentarmos o conhecimento sobre o tema, investimos em uma busca ativa pelas atrizes principais deste cenário: mulheres partícipes de comissões técnicas de clubes da Série A do campeonato brasileiro masculino e da Série A1 do campeonato brasileiro feminino de futebol, para ouvi-las sobre suas trajetórias, oportunidades, desafios e permanência na prática profissional dentro do futebol. Desta forma, foram produzidos dois artigos, que focalizam a revisão do estado da arte e dos dados coletados no campo de pesquisa.

ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA

A REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM POSIÇÕES DE LIDERANÇA NO FUTEBOL

RESUMO

O futebol está intrinsecamente ligado à cultura e à sociedade. Ele geralmente não se distancia completamente do mundo vivido, mas interfere e recebe interferências da sociedade em que está presente. Os aspectos e estereótipos oriundos do gênero, se fazem constantemente presentes no contexto do futebol. A representatividade feminina em posições de liderança no futebol é de extrema importância para a ruptura deste estereótipo. Primeiramente, a presença das mulheres em posições de liderança representa um avanço na busca pela igualdade de gênero no esporte. O objetivo do presente estudo é revisar a literatura no âmbito de liderança feminina no futebol a fim de compreender os espaços ocupados por essas mulheres, seus desafios de permanência e as contribuições geradas pela diversidade. Esta é uma pesquisa de natureza exploratória que pretende entender os caminhos percorridos pelas mulheres nos cargos de liderança no futebol. Para tal, explorou-se a literatura em três bases de dados e foram encontrados para serem analisados 14 artigos referentes ao tema. Após aprofundar a investigação nos dados encontrados nos artigos, podemos concluir que no âmbito de liderança feminina no futebol, sua presença tem crescido de maneira muito lenta, ainda não sendo uma participação representativa nem entre o futebol praticado entre elas. No que se refere aos espaços ocupados por essas mulheres, sua grande maioria é de cargos secundários, como de auxiliares técnicas.

Palavras-chave: Atividade física; Esporte; Mulher; Gênero.

ABSTRACT

Football is intrinsically linked to culture and society. He never completely distances himself from the lived world, but interferes and receives interference from the society in which he is present. Aspects and stereotypes arising from gender are constantly present in the context of football. Female representation in leadership positions in football is extremely important to break this stereotype. Firstly, the presence of women in leadership positions represents progress in the search for gender equality in sport. The objective of this study is to review the literature in the field of female leadership in football in order to understand the spaces occupied by these women, their challenges in staying there and the contributions generated by diversity. This is an exploratory research that aims to understand the paths taken by women in leadership positions in football. To this end, the literature was explored in three databases and 14 articles relating to the topic were found to be analyzed. After deepening the investigation into the data found in the articles, we can conclude that in the context of female leadership in football, their presence has grown very slowly, still not being a representative participation even among the football played among them. Regarding the spaces occupied by these women, the vast majority are in secondary positions, such as technical assistants.

Keywords: Physical activities; Sport; Woman; Gender.

INTRODUÇÃO

O futebol, em muitas civilizações, se associa diretamente às manifestações culturais e se torna, por vezes, um espelhamento do comportamento social de determinada comunidade. Ele dificilmente se distancia completamente do mundo vivido, mas interfere e recebe interferências da sociedade em que está presente. O esporte molda comportamentos e reflete interesses sociais, podendo servir como um exemplo para outros aspectos da vida, como o âmbito político, social e do trabalho (Dos Santos 2014; Goellner, 2005).

As mulheres permaneceram, por muito tempo, ausentes tanto na prática quanto na vivência dos espaços relacionados ao futebol. Existiam poucas mulheres que se aventuraram a escrever sobre futebol, por exemplo. Essas mulheres, as mulheres enfrentam barreiras e preconceitos para se envolverem no mundo esportivo, tanto como praticantes como escritoras (Dos Santos 2014; Oliveira 2017).

Os aspectos e estereótipos de fragilidade física e emocional, passionalidade e de conhecimento superficial e fútil sobre o futebol, oriundos do gênero se fazem constantemente presentes no contexto do futebol. Há, em contradição uma inversão de expectativas, uma vez

que certas características femininas são esperadas de atletas do sexo feminino, enquanto se professa que elas devem jogar como homens para provar sua habilidade. A necessidade de desafiar e evitar estereótipos rígidos de gênero em todas as esferas da sociedade, incluindo o futebol, torna a presença de mulheres neste ambiente um desafio homérico (Oliveira 2017; Novais et al. 2021).

A representatividade feminina em cargos de liderança e gestão no esporte é mínima. Mesmo com o avanço no desenvolvimento do esporte e mais mulheres sendo representadas através da mídia esportiva, também na prática esportiva, e na gestão técnica e financeira de clubes, faltam dados oficiais e registros históricos da participação feminina nestas organizações esportivas (Souza; Capraro, 2017; Passero et al., 2020)

As representações de feminilidades rígidas e o conceito heteronormativo estão imbricados nas oportunidades de acesso das mulheres a determinados ambientes, práticas corporais e postos de trabalho no esporte brasileiro. As expectativas sociais sobre o que é considerado um “papel de mulher” na sociedade brasileira afetam diretamente as oportunidades para elas no futebol.

Além disso, é culturalmente predeterminado ao gênero masculino, na cultura brasileira, o pertencimento da prática, gestão e organização do futebol. Este fato leva a uma menor valorização e investimento no futebol feminino. Os grandes clubes não costumam investir no futebol feminino, e as instâncias públicas e privadas não oferecem apoio e patrocínio às jogadoras. Toda esta conjuntura cria dificuldades estruturais para a manutenção de escolinhas de futebol feminino e limita as oportunidades para as mulheres que desejam jogar futebol profissionalmente (Novais et al, 2021; Trajano et al. 2017).

A representatividade feminina em posições de liderança no futebol é de extrema importância para a ruptura deste estereótipo. Primeiramente, a presença das mulheres em posições de liderança representa um avanço na busca pela igualdade de gênero no esporte. Não obstante, estar em cargos de liderança demonstra que elas têm as mesmas capacidades e competências que os homens para ocupar essas posições (Souza; Capraro, 2017; Terossi; D'angelo, 2009)

Deste modo, a representatividade feminina como líderes dentro de instituições esportivas é fundamental para que mais mulheres se sintam encorajadas a seguir carreiras no futebol e em outros esportes. Ao verem outras mulheres alcançando posições de destaque no campo esportivo, jovens atletas podem se inspirar e acreditar que também são capazes de alcançar o sucesso nesse meio (Souza; Capraro, 2017; Novais et al. 2021).

A presença mais constante de mulheres em comissões técnicas pode influenciar

positivamente no desenvolvimento do futebol, tanto de homens quanto de mulheres (Souza; Capraro, 2017). Esta presença em cargos de liderança no futebol pode ajudar a promover a igualdade de gênero no esporte, trazer diferentes perspectivas e abordagens para o desenvolvimento, trazer uma nova forma de pensar, novas estratégias e uma abordagem diferenciada para o treinamento das equipes. Cada indivíduo traz consigo suas experiências, cultura, habilidades e estilo de liderança únicos. A presença de mulheres nas comissões técnicas pode levar a uma maior criatividade, inovação e melhoria nas práticas e técnicas utilizadas no futebol, beneficiando tanto os jogadores quanto o jogo como um todo.

Deste modo, o objetivo do presente estudo é revisar a literatura no âmbito de liderança feminina no futebol a fim de compreender os espaços ocupados por essas mulheres, seus desafios de permanência e as contribuições geradas pela diversidade. Busca-se também investigar os caminhos das mulheres para assumirem posições de liderança e se existiram ou existem políticas institucionais e/ou públicas para pluralizar o acesso a cargos que efetivamente participam das tomadas de decisão no futebol.

METODOLOGIA

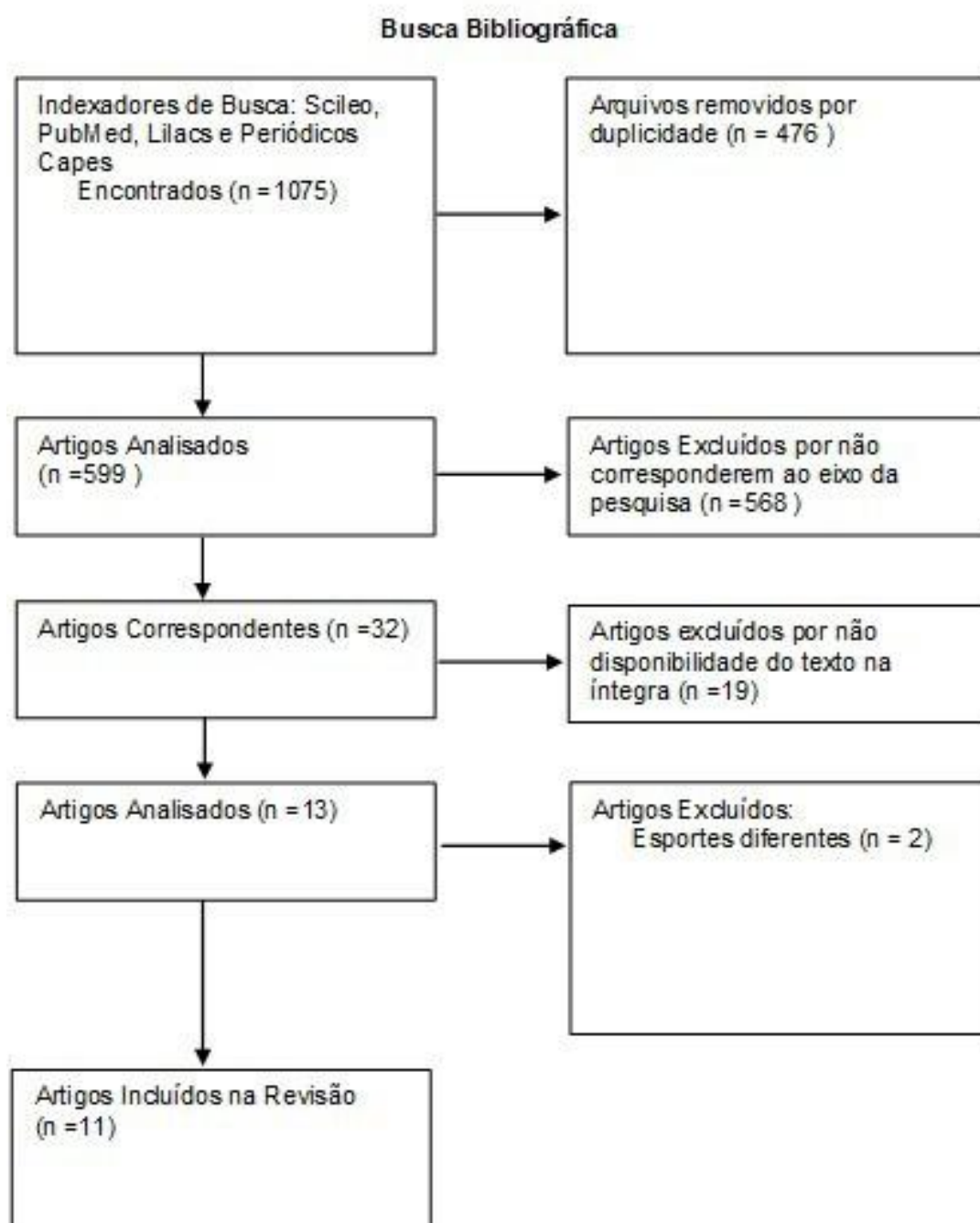
Esta é uma pesquisa de natureza exploratória que pretende entender os caminhos percorridos pelas mulheres nos cargos de liderança no futebol. Esta investigação se baseou em uma busca literária nos principais indexadores Scielo, Lilacs, Periódicos Capes e PubMed, para garantir a qualidade da informação coletada. Para tal, utilizaram-se os termos definidos pelo DeCS (Descritores em Ciências da Saúde): Mulheres, Liderança e Futebol associados pelo operador booleano AND; Mulheres, Técnica e Futebol associados pelo operador booleano AND; Woman, technical e soccer associados operador booleano AND; Woman, technical e football associados operador booleano AND; Woman, Leadership e football associados operador booleano: AND; Woman, Leadership e soccer associados operador booleano AND.

A fim de priorizar um refino metodológico, um fluxograma das buscas foi criado para futuramente servir de referência para investigações sobre o mesmo tema. Realizou-se a primeira busca no mês de outubro de 2023. Foram encontrados 1076 artigos no total. Destes, 476 foram encontrados duplamente nas bases de dados e, portanto, foram removidos. Dos 599 restantes, 568 foram excluídos após análise dos títulos e resumos pois não correspondiam ao eixo de pesquisa objeto desse estudo. Dos 31 resultantes, 17 foram descartados por não estarem disponibilizados em sua íntegra. Portanto, 14 artigos foram analisados conforme os dados a seguir.

1.3 RESULTADOS

Busca Bibliográfica

Figura 1 – Fluxo de Sistematização de Busca



Quadro 1 – Estudos Analisados

Ano	Autor	Natureza do Estudo
2005	Goellner	Exploratória
2008	Mazerolle et al	Descritiva/Analítica
2014	Forbes, Edward e Fleming	Exploratória
2017	Vargas, Caputo e Silva	Analítica
2017	Trajano et al	Descritiva
2017	Oliveira Souza, Capraro e Jensen	Exploratória
2017	Alves e Kviatkovski	Analítica
2017	Oliveira Souza e Capraro	Exploratória
2019	Lima e Hecktheuer	Exploratória
2020	Passero et al	Descritiva/Analítica
2021	Novais et al	Exploratória

DISCUSSÃO

Para compreender a presença e liderança feminina no futebol e descobrir os espaços ocupados por essas mulheres, seus desafios de permanência e as contribuições geradas pela diversidade, este estudo determinou como posições de liderança, toda e qualquer posição e cargo que implique direta-mente nas tomadas de decisão e na gestão técnica, tática ou institucional de um clube de futebol, ou na formação de opinião sobre o mesmo tema.

Deste modo, posições como nutricionista, psicóloga, roupeira, massagista e camareiras, não foram ignoradas, mas por não estarem diretamente ligadas às tomadas de decisão nos aspectos supracitados e por estarem muito associados ao papel social da mulher que foi construído em nossa organização social, um papel de zelo pela saúde, segurança alimentar e de conforto emocional, estas posições não entraram no cômputo e na análise.

Essas posições ainda estão atreladas a uma imagem de cuidados e, por isso, em muitos casos, são vistas como posições femininas já que suas atribuições estão em conformidade com o estereótipo do papel social da mulher.

Este fato se observa claramente descrito no estudo de O'Connor et al., 2010, que investiga o espaço dividido entre homens e mulheres no futebol americano, onde os atletas relatavam estar mais confortáveis com o tratamento de lesões e condições específicas de gênero por um homem do que por uma mulher. Também foi relatado que mais da metade dos jogadores descreveram uma treinadora usando termos estereotipados de gênero consistentes com os

papéis de gênero atribuídos às mulheres, como cuidadosa, carinhosa e afetuosa. No entanto, uma porcentagem menor de jogadores indicou percepções semelhantes em relação à competência de homens e mulheres como treinadores. O Artigo de Goellner (2005), discute a história das mulheres no futebol brasileiro e como elas têm lutado por visibilidade e reconhecimento. Utilizaram-se, nessa investigação, fontes primárias de pesquisa e publicações recentes sobre o tema para evidenciar os vestígios e as rupturas existentes entre diferentes épocas.

Foi possível identificar que a associação entre o esporte e a masculinização da mulher atravessa décadas e, mesmo que em muitas situações as atletas tenham saído das zonas de sombra, ainda hoje são recorrentes algumas representações discursivas que fazem a apologia da beleza e da feminilidade como algo a ser preservado, em especial, naquelas modalidades esportivas consideradas como violentas ou prejudiciais a uma suposta e imposta natureza feminina.

A autora ainda identifica que ainda é precária a estruturação da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são temporárias e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas. Parte desse problema pode-se explicar pela enorme defasagem temporal de vida do futebol competitivo praticado por mulheres quando se compara ao futebol praticado por homens. Sinal disto é que apenas nos anos da década de 1980 alguns clubes criam suas equipes e os primeiros campeonatos femininos adquirem visibilidade no calendário esportivo nacional. Enquanto isso o Campeonato brasileiro de futebol chegava a sua 19ª edição organizada pela CBF. Esta ampliação de atividades relacionadas ao futebol feminino certamente possibilitou diferentes apropriações por parte das mulheres, mas ainda há muitos desafios a serem enfrentados para que a participação das mulheres no futebol seja plenamente reconhecida e valorizada.

O estudo de Mazerolle et al., (2008) traz a luz um outro dilema encontrado socialmente para o exercício da profissão de treinar equipes competitivas. Os autores investigaram treinadores e treinadoras certificadas pela National Collegiate Athletic Association (NCAA) Division I-A. Eles encontram uma correlação negativa entre o conflito trabalho- família e a satisfação no trabalho entre os treinadores. Isso significa que quanto maior o conflito trabalho-família, menor a satisfação no trabalho. Além disso, o estudo encontrou uma correlação positiva entre o conflito trabalho-família e o esgotamento no trabalho e intenções de deixar a profissão.

O estudo discute as diferenças de gênero na percepção do conflito trabalho-família e sugere que as mulheres enfrentam mais conflitos nessa área do que os homens. Um fator que,

segundo os autores, explica este fato é que existe uma enorme expectativa sobre os papéis de gênero e como elas podem afetar o conflito trabalho-família. Em geral, as mulheres podem enfrentar conflitos adicionais devido às expectativas sociais de que elas assumam mais responsabilidades familiares e domésticas.

Dentre as posições de liderança, a arbitragem traz consigo também um papel de poder. O árbitro é, representativamente, a figura de autoridade dentro do campo pois a ele se atribuem as decisões disciplinares e interpretações da regra e, subjetivamente, a responsabilidade de um transcorrer fluido e controlado da partida.

Com essa premissa arraigada na cultura futebolística, Forbes et al. (2014) investigam as experiências de mulheres árbitras de futebol no Reino Unido, explorando os desafios e as oportunidades que elas enfrentam em um ambiente predominantemente masculino. O estudo analisa as percepções e atitudes em relação às mulheres árbitras, bem como as estratégias que elas usam para lidar com o preconceito e a discriminação.

O estudo aponta que as mulheres árbitras de futebol relatam enfrentar com frequência o sexismo, a marginalização e o assédio sexual. Corriqueiramente são alvo de comentários e comportamentos abusivos por parte de jogadores, treinadores e espectadores, o que impacta sua autoestima e confiança. Além disso, elas muitas vezes precisam lidar com a pressão de se conformar às expectativas geradas pelos padrões sexistas e provar sua competência em um ambiente dominado por homens.

Também Dos Santos (2014) investiga a trajetória e os desafios da mulher árbitra no Brasil. O estudo percebe que a consolidação da carreira das árbitras entre 1980 e 1990 é fruto da preparação física e técnica, persistência e a capacidade de superar dificuldades e, para as árbitras do início século XXI, pela preparação física e treinamento de alto nível tendo seu caminho pavimentado pela geração anterior.

Este ambiente insalubre é um dos fatores que afastam as mulheres não só da arbitragem, mas também de todo o ambiente do futebol. O estudo sugere várias estratégias para tornar o ambiente do futebol mais inclusivo e igualitário para as mulheres. Algumas dessas estratégias incluem: promover a diversidade e a representação feminina em todas as áreas do esporte, incluindo posições de liderança e autoridade; Implementar políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero e combatam a discriminação e o preconceito de gênero; fornecer treinamento e conscientização para jogadores, treinadores e espectadores sobre questões de gênero e diversidade; adotar medidas disciplinares mais rigorosas para aqueles que se envolvem em comportamentos abusivos ou discriminatórios; criar redes de apoio e solidariedade para mulheres árbitras e outras mulheres envolvi-das no esporte; desafiar

estereótipos de gênero e expectativas masculinas por meio da presença e autoridade das mulheres no esporte. Todavia, não são encontradas políticas públicas ou institucionais direcionadas a solucionar este ambiente, tornando o caminho da mulher árbitra uma jornada de resignação e ressignificação da sua prática profissional.

Os estudos de Vargas et al. (2017) e Alves e Kviatkovizki, (2017) investigam os perfis de treinadores em competições amadoras e base. Am-bos encontram perfis majoritariamente masculinos. Em relação ao gênero, 14,29% (N=3) dos professores/técnicos em 2013 e 10,52% (N=2) em 2015 foram mulheres. Na primeira pesquisa, investigou-se o perfil de treinadores de equipes femininas e encontrou-se que das 9 equipes, apenas 2 eram comandadas por mulheres. Já a segunda, investigou o perfil dentro de uma mesma competição em dois anos distintos e encontrou perfis semelhantes sendo que em relação ao gênero, 14,29% (N= 3) dos professores/técnicos em 2013 e 10,52% (N= 2) em 2015 foram mulheres.

Estes estudos evidenciam que, mesmo em equipes femininas, o es-por-te prioriza homens em posições de liderança. Para confrontar isso Lima e Hecktheuer (2019) investigaram e diagnosticar a relação entre as mulheres e o futebol, no Rio Grande do Sul. Os autores reiteram que os fatores de distanciamento são, na verdade, um conjunto de acontecimentos que passam desde a aproximação das mulheres ao clube, a história de conquistas do departamento de futebol de mulheres, as legislações e a necessidade de adequação do clube para ser protagonista em competições importantes do futebol de homens e uma diretoria que se proponha a abrir as portas para a modalidade.

Este perfil pouco plural leva a uma baixa relação de representatividade principalmente quando abordamos o futebol praticado por mulheres. Essa representatividade baixa impacta diretamente na construção da autoimagem e também na percepção de alcance a ocupação dos espaços dentro do Futebol. Essa associação leva a uma construção de identidade de gênero, por vezes deturpada e muito pautada no sexismo e no senso comum social constituído por uma sociedade machista.

Com essa visão, Trajano et al. (2017) e Oliveira Souza e Capraro (2017) estudam as percepções nessa criação da identidade de gênero e memória sobre o futebol. Trajano analisa a construção de identidade de gênero a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, onde a discussão sobre gênero e sexualidades destaca abordagens que enfocam a centralidade da linguagem como produtora das relações entre corpo, sujeito, conhecimento e poder estabelecidas pela cultura. Nesta pesquisa os autores puderam encontrar evidências que impactavam essa construção como por exemplo o preconceito em relação à sexualidade é prevalente no futebol/futsal, e as mulheres que jogam são frequentemente estereotipadas como

lésbicas ou bissexuais; o confronto a esses desafios para romper essas limitações e construir uma identidade forte e positiva; essas jogadoras escolheram jogar futsal por vários motivos, incluindo a paixão pelo esporte, a oportunidade de fazer amizades e a possibilidade de se destacar em uma atividade pre-dominantemente masculina; e que o futebol/futsal pode ser usado como uma ferramenta para empoderar mulheres e desafiar estereótipos de gênero, permitindo que as jogadoras desenvolvam habilidades físicas e mentais, construam amizades e se sintam mais confiantes e independentes.

É de suma importância ressaltar que a pesquisa de Trajano, ao entrevistar os treinadores, percebe que eles reconhecem que as meninas sofrem preconceito de gênero e que há dificuldades na criação de sua identidade. Eles também respondem que não sabem como ajudar ou minimizar os problemas gerados por tais preconceitos. Essa evidência reforça a necessidade de representatividade feminina na formação de jovens atletas. Por mais empatia que os treinadores desenvolvam, eles não simbolizam a estas meninas a figura de acolhimento e compreensão que suas pares podem ser.

Já Oliveira Souza e Capraro (2017) relatam que as entrevistas permitiram concluir que os impedimentos em relação às meninas no futebol não se devem necessariamente ou exclusivamente ao sexo, mas também à diferença de habilidade técnica apresentada em relação à maioria dos meninos, dedução semelhante às encontradas em outros estudos sobre o mesmo tema.

Vale ressaltar que grande parte dessa diferença existe possivelmente como um resultado de expectativas criadas e características valorizadas genericamente em relação a meninos e meninas, o que gera desigualdades nos incentivos e no tempo para a prática. Estes aspectos foram minimizados no caso das atletas entrevistadas, justamente por sua constante participação em brincadeiras relacionadas ao futebol. Nesse ponto, vale destacar o caráter transitório e mutante das noções de gênero, de modo que, apesar das estruturas discursivas controladoras existentes, sujeitos e grupos estão constantemente se reconfigurando por meio de ações intencionais ou atividades cotidianas.

Quanto as memórias, a partir do momento em que foram introduzidas em um ambiente predominantemente masculino para a prática do futebol, demonstrando qualidades técnicas semelhantes às dos meninos, essas atletas foram bem-aceitas e passaram a fazer parte do grupo. Isto demonstra evidências de que os atletas tendem a ver a sua história no desporto como uma jornada de evolução e crescimento transformando as pausas e os períodos de fraqueza em eventos não tão importantes.

Oliveira Souza, Capraro e Jensen (2017) investigam um outro cenário pertencente ao

universo do futebol, que assim como a prática, está dominado e ocupado por homens: a crônica esportiva. Com forte influência na formação de opinião, a imprensa esportiva representa um setor forte da indústria e do universo do futebol. As opiniões desses profissionais são parcialmente responsáveis pela formação de opinião do torcedor e impacta diretamente em decisões tomadas dentro dos clubes de futebol. Deste modo, os autores estudam a presença de mulheres nesse local.

3Este estudo encontrou que as mulheres que desejam escrever sobre futebol enfrentam o desafio de um ambiente historicamente dominado por homens, o que reflete na produção artística/literária sobre o tema. Além disso, é destacado que, no início, as mulheres que escreviam sobre futebol não eram especialistas esportivas, mas sim literatas que arriscam algumas palavras para tratar do assunto. Isso gerava uma certa desconfiança ou falta de reconhecimento por parte do público leitor e dos próprios profissionais da área esportiva.

A presença feminina na produção literária sobre esporte pode trazer novas perspectivas e abordagens para o tema, que historicamente foi dominado por homens. Além disso, a presença feminina pode ajudar a ampliar o público leitor e a diversificar as vozes presentes na área esportiva. Sendo assim, ter mais mulheres escrevendo sobre futebol se relaciona diretamente à necessidade de ampliar a diversidade de vozes e perspectivas na produção literária sobre esporte. Sendo a maioria dos cronistas esportivos homens, gerar-se uma certa uniformidade na abordagem do tema e a perspectiva mais ampla se perde, mantendo-se assim o foco sexista do futebol.

Os estudos de Novais et al. (2021) e Passero et al. (2020) investigam a presença das mulheres em comissões técnicas no futebol. Ao se avaliar a presença de mulheres nas comissões técnicas conseguimos enxergar efetivamente como as mulheres estão incluídas nos processos de tomadas de decisão quanto a gestão técnica e tática do futebol. Novais et al. (2021) revelam que as características de liderança e inteligência técnica/tática apresentadas dentro de campo/quadra foram determinantes para a inserção das mulheres em cargos de liderança esportiva. As treinadoras e auxiliares entrevistadas relataram que sempre procuravam orientar a equipe e se aprofundar na área, e que alguns treinadores mais experientes as incentivaram a seguir essa carreira. Além disso, aquelas que não tiveram oportunidades oriundas de seus desempenhos dentro das quatro linhas se dedicaram aos estágios e aos estudos, o que também contribuiu para sua qualificação e inserção nas comissões técnicas.

Os autores também destacam que a combinação entre ser ex-atleta e realizar a formação na área da Educação Física conferiu às colaboradoras um diferencial para atuação nos cargos, na medida em que conseguem associar a experiência do jogo à formação acadêmica e, por essas

razões, protagonizam a abertura de portas para inserção nas comissões técnicas.

Para os autores um dos principais desafios enfrentados pelas mulheres que ocupam cargos de treinadora e auxiliar no futebol feminino no Brasil é a falta de estruturação da profissão em diversos aspectos, principalmente no tocante à remuneração. A maioria das entrevistadas relatou acumular outras ocupações para subsistir, já que a profissão de treinadora ou auxiliar não oferece condições financeiras adequadas. Além disso, destacam que a associação do treinamento à figura masculina ainda é um obstáculo para a aceitação das mulheres como técnicas, o que pode gerar resistência e desvalorização do trabalho das treinadoras e auxiliares.

Também se destaca que as mulheres enfrentam preconceito de gênero que imputam a elas responsabilidades sociais que podem se configurar como obstáculos em suas trajetórias, o que requer a desconstrução desses estereótipos para garantir condições equitativas para a capacitação, inserção e permanência delas no campo da liderança esportiva. Elas utilizam a formação acadêmica como uma estratégia de resistência e subversão do cenário de subrepresentatividade, buscando se qualificar para atuar em diferentes áreas do esporte e, assim, ampliar suas possibilidades de atuação.

As treinadoras e auxiliares do futebol feminino no Brasil buscam espaço para capacitação constante, realização de estágios em clubes e seleções, participação em cursos e eventos de formação, criação de redes de apoio e a construção de uma identidade profissional forte. Além disso, buscam se manter atualizadas sobre as tendências do futebol e aprimorar suas habilidades técnicas e táticas, a fim de se destacarem no mercado de trabalho e poder assim provar seu valor e permanecer inseridas no mercado. Passero et al. (2020) investigaram a participação das mulheres nos cargos de comissão técnica e arbitragem no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino ao longo das edições da competição até 2019. O estudo também analisou a presença das mulheres em outros cargos de comissão técnica, como treinadoras de goleira e fisioterapeutas. Os resultados revelaram que as mulheres enfrentam barreiras mesmo nos cargos de liderança de menor visibilidade, correspondendo a apenas 15% desses profissionais.

Os autores encontram um predomínio de homens em todos os cargos de comissão técnica, com um lento aumento da participação das mulheres. Segundo os dados apresentados no estudo, cerca de 86% dos cargos de co-missão técnica no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino são ocupados por homens. A maior inserção das mulheres (22%) foi encontrada no cargo de auxiliar técnica. A frequência de mulheres em cargos da comissão técnica no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino aumentou vagarosamente nos últimos anos, mas

a situação permanece de desigualdade.

As projeções realizadas a partir da regressão linear desse estudo sugerem que a igualdade numérica entre homens e mulheres em cargos de comissão técnica possivelmente só seria alcançada entre 2030 e 2040. No entanto, reforçam que é importante não apenas dar foco exclusivo ao aumento quantitativo de mulheres no esporte, pois ele não garante mudanças nos discursos e nas estruturas prevalentes. Portanto, é necessário continuar lutando por uma maior representatividade feminina nos cargos de liderança no esporte e promover a igualdade de gênero em todas as áreas.

CONCLUSÃO

Após aprofundar a investigação nos dados encontrados nos artigos, podemos concluir que no âmbito de liderança feminina no futebol, sua presença tem crescido de maneira muito lenta, ainda não sendo uma participação representativa nem entre o futebol praticado entre elas. No que se refere aos espaços ocupados por essas mulheres, sua grande maioria é de cargos secundários, como de auxiliares técnicas. Os desafios de permanência são muitos e, basicamente todos eles, baseados nos estereótipos de gênero e na construção do papel social da mulher e sua não adequação às expectativas criadas pelo senso comum sobre o universo do futebol que ainda é machista, sexista e dominado por homens. Todavia os estudos evidenciam que muitas são contribuições geradas pela diversidade e não apenas no campo social de representatividade, mas também em aspectos técnicos e gerenciais trazendo uma maior pluralidade de ideias e inovação. Assim, sugerimos para novas pesquisas que sejam investigadas as equipes, masculinas e/ou femininas, que possuem mulheres em seu quadro de comissão técnica, a fim de compreender a percepção de atletas sobre os benefícios que a presença feminina traz quanto ao desempenho dessas equipes em todos os aspectos do jogo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. A. R.; KVIATKOVSKI, B. L. Perfil dos professores/técnicos das equipes de futsal masculino da categoria a dos jogos estudantis da primavera: um comparativo dos anos de 2013 com o ano de 2015. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 9, n. 35, p. 392–398, 2017.
- DOS SANTOS, Ineildes Calheiro. As mulheres no mundo da arbitragem futebolística: a construção dos corpos e a dominação masculina no futebol. *Seminário Interlinhas*, v. 2, n. 1, p. 93-100, 2014.
- ECKHARDT DE LIMA, A. L.; ALCANTARA HECKTHEUER, L. F. Sport Club Internacional: sobre o futebol de mulheres no clube do povo. *Revista Didática Sistêmica*, v. 21, n. 1, p. 85–96, 2020.
- FORBES, A.; EDWARDS, L.; FLEMING, S. ‘Women can’t referee’: exploring the experiences of female football officials within UK football culture. *Soccer & Society*, v. 16, n. 4, p. 521–539, 4 jul. 2015.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143–151, jun. 2005.
- MAZEROLLE, S. M.; BRUENING, J. E.; CASA, D. J.; BURTON, L. J. Work-family conflict, part II: Job and life satisfaction in national collegiate athletic association division I-A certified athletic trainers. *Journal of Athletic Training*, v. 43, n. 5, p. 513–522, out. 2008.
- NOVAIS, M. C. B.; MOURO, L.; SOUZA JUNIOR, O. M. de; MONTEIRO, I. C.; PIRES, B. A. B. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. *Movimento (Porto Alegre)*, v. 27, e27023, 2021.
- O’CONNOR, C.; GRAPPENDORF, H.; BURTON, L.; HARMON, S. M.; HENDERSON, A. C.; PEEL, J. National Collegiate Athletic Association Division I football players’ perceptions of women in the athletic training room using a role congruity framework. *Journal of Athletic Training*, v. 45, n. 4, p. 386–391, ago. 2010.
- OLIVEIRA SOUZA, M. T.; MENDES CAPRARO, A.; JENSEN, L. Mulheres fora da área: escritoras “arriscando-se” a dissertar sobre futebol. *Motrivivência*, v. 29, n. 50, p. 140, 2017.
- PASSERO, J. G.; BARREIRA, J.; TAMASHIRO, L.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. *Movimento (Porto Alegre)*, v. 26, e26060, 2020.
- PEREIRA, M. C.; IMPOLCETTO, F. M. MOOC histórias do futebol praticado por mulheres no Brasil: o olhar avaliativo de professores e estudantes concluintes. *Corpoconsciência*, p. 53–69, 2022.
- SOUZA, M. T. O.; CAPRARO, A. M. Atletas mulheres relembrando do futebol na infância: a transposição de fronteiras de gênero. *Revista de Educação Física*, v. 28, n. 1, 2017. (Nota: a referência aparecia duplicada nos originais; manteve uma única entrada)
- TEROSSI, M. B.; D’ANGELO, A. P. Futebol e gênero: a visão nacional sobre a prática do futebol entre as mulheres. 2009. (Nota: publicação sem indicação de periódico/volume; mantido conforme original)
- TRAJANO, R. W.; FRANCO, N.; RODRIGUES, M. C.; FERNANDES, L. A. B. Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do

gênero mulher. *Conexões* (Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física), v. 15, n. 1, p. 65, 2017.

VARGAS, L. de F.; SILVA, M. C.; CAPUTO, E. L. Caracterização do perfil dos treinadores de futsal feminino de equipes que disputam os jogos abertos de Pelotas. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 9, n. 33, p. 151–159, 2017.

ARTIGO DE RESULTADOS

ANÁLISE DA JUSTA OCUPAÇÃO DAS FUNÇÕES DE LIDERANÇA POR MULHERES NO FUTEBOL CARIOCA

RESUMO

Ser mulher não é uma qualidade inerente, mas sim um desempenho moldado pelas normas e expectativas da sociedade. O contexto histórico da participação feminina no futebol revela uma interação complexa entre as normas sociais e a expressão atlética. Para promover um ambiente mais inclusivo e equitativo no esporte, é essencial defender uma maior representação feminina em posições de liderança. Portanto, o objetivo do presente estudo foi verificar a justa ocupação das posições de liderança em clubes que disputam as primeiras divisões do campeonato carioca de futebol, na categoria masculina e feminina, nos anos de 2023 e 2024. Nesta pesquisa encontramos 11,11% dos cargos sendo ocupados por mulheres. Se fizermos o recorte apenas do campeonato feminino esta ocupação é 21,43%, porém no masculino é de 0%. As posições de liderança ainda são majoritariamente masculinas, reforçando o status quo social e desafiando as mulheres que as ocupam a demonstrarem uma performance de gênero e resultados irretocáveis para que tenham seu potencial reconhecido por sua capacidade técnica. As mulheres entrevistadas acreditam que a maior representatividade transforma a perspectiva de atletas, ex atletas e mulheres apaixonadas pelo futebol, as fazendo compreender que é possível sim ocupar cargos de liderança e contribuir para o desenvolvimento do esporte.

Palavras-chave: Esporte; futebol; mulher.

ABSTRACT

Being a woman is not an inherent quality, but rather a performance shaped by social norms and expectations. The historical context of women's participation in football reveals a complex interaction between social norms and athletic expression. To promote a more inclusive and equitable environment in sports, it is essential to advocate for greater female representation in leadership positions. Therefore, the aim of this study was to examine the fair occupation of leadership roles in clubs competing in the first divisions of the men's and women's categories of the Rio de Janeiro football championship in 2023 and 2024. In this research, we found that 11.11% of these positions were held by women. When considering only the women's championship, this share rises to 21.43%, whereas in the men's championship it is 0%. Leadership positions remain predominantly male, reinforcing the social status quo and challenging the women who occupy them to demonstrate impeccable gender performance and professional results in order to have their potential recognized for their technical competence. The interviewed women believe that greater representation transforms the perspective of athletes, former athletes, and women passionate about football, making them realize that it is indeed possible to hold leadership positions and contribute to the development of the sport.

Keywords: Sport; soccer; woman.

INTRODUÇÃO

Ser mulher não é uma qualidade inerente, mas sim um desempenho moldado pelas normas e expectativas da sociedade. Essa perspectiva revela a necessidade de uma reavaliação da identidade de gênero, sugerindo que ela não é um atributo fixo, mas sim uma construção dinâmica e fluida influenciada por contextos culturais e sociais (Rocha, 2006).

É preciso abrir discussões sobre as complexidades e diversidades das experiências das mulheres em diferentes culturas e períodos históricos. Esse entendimento convida a uma reflexão crítica sobre como as identidades de gênero são formadas e expressas, desafiando assim as narrativas hegemônicas que frequentemente limitam a compreensão do que significa ser mulher (Amaral; Lima, 2022).

O contexto histórico da participação feminina no futebol revela uma interação complexa entre as normas sociais e a expressão atlética. Já na década de 1930, as mulheres começaram a desafiar os papéis tradicionais de gênero por meio de seu envolvimento em esportes, mas enfrentaram uma oposição significativa enraizada nas crenças predominantes sobre

feminilidade e fisicalidade (Goellner, 2005; Passero, 2020).

As políticas oficiais muitas vezes restringiam o acesso das mulheres a vários esportes, refletindo ansiedades culturais mais amplas em relação ao empoderamento feminino e à visibilidade em espaços públicos (Souza; Capraro, 2017).

Embora tenha havido um aumento notável na participação feminina como atletas, representando 51% da delegação brasileira durante os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, esse progresso é fortemente contrastado pela sub-representação de mulheres em funções administrativas e de treinadoras onde representaram apenas 4,9% e 23,1%, respectivamente, das comissões nesta mesma edição dos jogos.

A definição mais básica de liderança, conforme formulada por Hersey e Blanchard (1969), a descreve como “o processo que visa influenciar as ações de um indivíduo ou de uma unidade organizada que tenta atingir as metas que foram estabelecidas sob condições concedidas e estáveis”. Essa definição enfatiza a influência que um líder exerce sobre os seguidores para alcançar objetivos comuns, destacando o aspecto relacional da liderança em um ambiente estruturado.

A liderança no contexto esportivo apresenta características distintivas que refletem a natureza particular das práticas atléticas. Diferentemente de contextos organizacionais tradicionais, o esporte caracteriza-se por alta intensidade emocional, interdependência entre membros da equipe, objetivos claramente definidos (vitória, desempenho), feedback imediato sobre resultados, visibilidade pública e pressão competitiva. Essas características moldam as demandas sobre os líderes esportivos e influenciam a eficácia de diferentes estilos e comportamentos de liderança (Smith e Smoll, 2015).

O treinador é o principal agente de liderança formal no esporte, exercendo múltiplas funções que incluem instrução técnica, planejamento e periodização do treinamento, gestão de competições, seleção de atletas, tomada de decisões táticas, motivação, construção de coesão de grupo, desenvolvimento psicossocial e mediação de conflitos. A complexidade e a amplitude dessas funções exigem competências técnicas, interpessoais, estratégicas e adaptativas (Nash e Collins, 2006).

Além dos treinadores, outros agentes exercem liderança no contexto esportivo, incluindo atletas líderes (capitães de equipe, atletas veteranos ou de alto status), dirigentes, preparadores físicos, psicólogos do esporte e outros membros da comissão técnica. A liderança de atletas, em particular, tem recebido atenção crescente na literatura, reconhecendo-se que a influência de pares pode complementar ou, em alguns casos, substituir a liderança formal do treinador (Prince e Weiss, 2013).

Os cargos de liderança deveriam ser preenchidos com base na competência e experiência, e não no gênero. Focar no gênero como critério principal de liderança pode inadvertidamente minar os princípios focados no desempenho e resultado que deveriam governar as organizações esportivas. As complexidades das normas sociais e dos papéis de gênero devem ser reconhecidas a fim de equalizar as oportunidades nos cargos de liderança no futebol.

A fim de promover um ambiente mais inclusivo e equitativo no esporte, é essencial defender uma maior representação feminina em posições de liderança, pois isso não apenas melhora os processos de tomada de decisão, mas também inspira futuras gerações de atletas. Essa maior representação pode levar a uma gama mais diversificada de perspectivas, enriquecendo o esporte e promovendo um ambiente em que atletas se sintam valorizadas e apoiadas (O'Connor et al, 2010).

Ao garantir que as mulheres ocupem cargos de liderança, promove-se uma cultura de igualdade e empoderamento, levando o esporte a um maior sucesso e inovação. Esse legado não apenas transformará a percepção do futebol feminino, mas também estabelecerá casos de sucesso que outras disciplinas esportivas poderão seguir, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e justa (Novais et al, 2021).

O objetivo do presente estudo foi verificar a justa ocupação das posições de liderança em clubes que disputam as primeiras divisões do campeonato carioca de futebol, na categoria masculina e feminina, nos anos de 2023 e 2024.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa utilizou dados quantitativos e qualitativos para responder o problema de pesquisa, tendo uma abordagem mista de análise de dados. Os dados quantitativos foram organizados em uma estratégia de estatística descritiva a fim de quantificar as posições geradas e ocupadas traçando um percentual de ocupação por mulheres. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Salgado de Oliveira, protocolo 60091616.6.0000.5289, processo 1738471.

Para avaliar as posições de lideranças criadas e ocupadas, foram consultadas as súmulas de todas as partidas dos campeonatos carioca, masculino e feminino, dos anos de 2023 e 2024, além dos sites oficiais dos clubes e seus organogramas públicos. Esta análise também permitiu identificar as mulheres líderes no futebol do estado.

Para tornar mais clara a condição de posição de liderança, considerou-se toda função

que, no clube, detém autonomia, poder e influência sobre outros membros da equipe seja esportiva ou administrativamente. Deste modo, chegamos as posições de Diretora, Coordenadora e Treinadora. A estas estão confiadas as gestões de uma equipe técnica, esportiva ou administrativa que influenciam diretamente nos rumos esportivos e administrativos do clube, tendo um alto poder de tomada de decisão, confiados a elas.

Após esta identificação, foi feita a abordagem e convite para participar das entrevistas que analisaram qualitativamente o discurso destas mulheres, optando-se por usar a análise crítica do discurso como método de tratamento destes dados. As mulheres que aceitaram o convite foram informadas das condições para participação, preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido e optaram pela entrevista de maneira presencial ou remota. As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma abordagem interdisciplinar que examina a relação entre linguagem e poder social, com foco em como o discurso molda e é moldado pelas estruturas sociais. A ACD busca descobrir as ideologias subjacentes e a dinâmica de poder que influenciam a comunicação, revelando como a linguagem reflete e perpetua as desigualdades sociais. Ela serve como uma ferramenta vital para compreender as complexidades das interações sociais e as maneiras pelas quais a linguagem pode desafiar e reforçar as normas sociais, contribuindo, em última instância, para discussões mais amplas sobre justiça social e equidade.

Esse campo de estudo também se preocupa em identificar os efeitos do discurso na formação da identidade e na construção de narrativas sociais, permitindo uma análise mais profunda das vozes marginalizadas que muitas vezes são silenciadas. Essas vozes, quando finalmente ouvidas, têm o potencial de transformar a maneira como entendemos as relações de poder e promover mudanças significativas nas estruturas sociais.

Essas transformações não apenas desafiam as narrativas dominantes, mas também incentivam uma maior inclusão e diversidade nas conversas sobre justiça social, criando um espaço para que novas perspectivas sejam integradas e valorizadas. Essas novas perspectivas podem, por sua vez, inspirar ações concretas que busquem a reparação histórica e o empoderamento das comunidades marginalizadas, promovendo um futuro mais justo e equitativo para todos. A aplicação da ACD vai além da mera interpretação textual; ela abrange um exame crítico de como a linguagem opera em vários contextos sociais para reforçar ou desafiar as desigualdades sistêmicas.

Seguindo estes pressupostos, as entrevistas foram realizadas de uma maneira semiestruturada, com perguntas abertas que exploravam a percepção destas mulheres e as

permitiam uma resposta mais abrangente para que pudessem expor mais confortavelmente suas perspectivas. Foram realizadas em dias e horários combinados de modo conveniente para profissionais, gravadas e transcritas de maneira fidedigna e posteriormente analisadas utilizando a técnica de ACD.

Após analisadas e tabuladas, as informações serão tratadas e discutidas a seguir abrangendo não só as questões técnicas como formação acadêmica, licenças exigidas e experiência como atleta, mas também as esferas de preconceito e violência de gênero, machismo e misoginia, construção do papel social da mulher e tokenismo.

RESULTADOS

Nos anos de 2023 e 2024 a série A do Campeonato Carioca Masculino de Futebol contou com 12 equipes que se confrontam em turno único para definir um ranqueamento. Neste, uma equipe, a última colocada na classificação ao fim da 11ª rodada, será despromovida a série A2. As quatro primeiras colocadas ao fim da referida rodada se classificam para os confrontos eliminatórios que culminarão no campeão da competição, considerado o Campeão Carioca. Os classificados entre o 5º ao 8º lugar se confrontam em partidas eliminatórias que definem no campeão da Taça Rio.

A disputa do Campeonato Feminino de Futebol não utiliza a fórmula do masculino, tampouco se mantém de um ano para o outro. Também não há despromoção, pois há uma única divisão vigente. Deste modo, o campeonato feminino foi composto por 10 equipes em 2023 e 11 em 2024. Em 2023 foi disputada uma fase preliminar contendo 6 equipes, das quais 4 se classificavam para a chamada Taça Guanabara. Nesta, as equipes se confrontam em turno único onde, ao final da sétima rodada, as quatro equipes melhores ranqueadas disputam confrontos eliminatórios para definir o clube campeão estadual.

Já em 2024, as 11 equipes foram separadas em 2 grupos, que confrontam as equipes do grupo ao qual não pertencem. Ao final das 6 rodadas do turno, as duas equipes mais bem ranqueadas em cada grupo se classificam para os confrontos eliminatórios seguintes que definirão a Campeã Estadual. Assim, foram contabilizadas um total de 13 equipes que disputaram a principal divisão do campeonato masculino de futebol do estado, alterando-se entres os anos apenas uma equipe. Já no feminino, foram 14 equipes que disputaram as duas edições do torneio, mantendo-se 7 entre as duas edições.

Estas 27 equipes oportunizaram 81 posições de liderança nestes dois anos, já que todas

dispunham de ao menos uma pessoa como Diretora de Futebol, Coordenadora Técnica e Treinadora. Destas, 9 foram ocupadas por mulheres sendo 1 Diretora, 3 Coordenadoras, onde uma se manteve no cargo nos dois anos, e 4 treinadoras. Assim, encontramos 11,11% dos cargos nestes dois anos sendo ocupados por mulheres. Se fizermos o recorte apenas do campeonato feminino esta ocupação é 21,43%, porém no masculino é de 0%.

Estas mulheres foram procuradas pelos pesquisadores e convidada-das a participar da pesquisa. Das 9 participantes elegíveis, 7 retornaram o contato feito. Destas, 4 aceitaram participar da pesquisa. Porém, destas, duas assinaram o termo de consentimento e concederam as entrevistas e as outras duas alegaram incompatibilidade de agenda, mesmo os pesquisa-dores flexibilizando a entrevista por meio virtual. Sendo assim, as análises abaixo descritas foram realizadas com base na entrevista de duas profissionais, duas treinadoras uma que atuou no campeonato de 2023 e outra em 2024.

Para preservar a suas identidades usaremos nomes fictícios para ambas. Deste modo, então, essa pesquisa contou com o depoimento da experiente Ana e da jovem Maria Luisa, nomes escolhidos em homenagem a Ana de Moraes, primeira mulher a treinar uma equipe profissional de futebol, fato reconhecido pelo Guinness Book, e Marie-Louise Eta, primeira mulher a treinar uma equipe masculina em uma divisão de topo na Europa, o Union Berlin em 2024.

A ACD não é apenas uma análise linguística tradicional, mas sim uma técnica para compreender como os discursos constroem e legitimam relações de poder em uma sociedade. Ela parte do princípio onde a linguagem nunca é neutra, ela sempre reproduz, resiste ou transforma estruturas sociais.

Ela proporciona uma integração entre linguística, sociologia, ciências políticas com enfoque no poder. Ela examina como discursos sustentam relações de dominação ou resistência. Deste modo, o discurso sempre é analisado no seu contexto social, histórico e político, promovendo uma capa-cidade crítica social buscando revelar desigualdades e injustiças mantidas por meio da linguagem.

Ambas as entrevistadas, Ana e Maria Luiza, articulam experiências pessoais e institucionais usando uma linguagem coloidal, informal, altamente experiencial, revelando um envolvimento afetivo com o futebol, mas também um desgaste emocional causado pela cultura machista. A linguagem é carregada de relatos de microagressões e subordinação simbólica, como o fato de auxiliares masculinos terem suas falas mais validadas que as das próprias treinadoras mulheres.

Ana é, em seu discurso, assertiva, crítica e fluente. Tem uma voz protagonista, militante

e estrategista. Ela se apropria do discurso como ferramenta de enfrentamento da dominação e declara liderança protagonizando decisões.

A entrevista de Ana revela, em suas marcas textuais, um discurso da resistência. Apesar da exclusão simbólica e material, ela constrói um ethos de competência, resiliência e legitimidade por mérito. Ainda assim, sua fala revela que há desigualdade discursiva quando evidencia que a autoridade de mulheres é constantemente questionada, mesmo quando ocupam cargos formais. Ana tem um discurso pedagógico, sua atuação não é só técnica, mas educativa, ela forma atletas e profissionais, mesmo em estruturas que não reconhecem isso como liderança legítima.

Maria Luiza revela-se contida, hesitante e defensiva. Usa de uma voz mais observadora, colaboradora e cuidadosa. Seu discurso minimiza sua centralidade, mesmo que enquanto treinadora ela detenha o poder de decisão. Maria Luiza, embora crítica, atua dentro de um campo discursivo mais disciplinado e adaptativo, revelando uma forma de resistência silenciosa.

Este discurso traz marcas textuais de subjetividade marcada pela prudência. Ela internaliza um discurso moderado para sobreviver institucionalmente. Sua entrevista mostra que há uma reprodução de ideologias, uma vez que até mesmo atletas mulheres deslegitimam lideranças femininas, naturalizando a autoridade masculina. Maria Luiza demonstra uma resistência passiva, pois sua crítica existe, porém vem diluída em linguagem cuidadosa e não confrontacional.

Os discursos das entrevistadas mostram que a produção discursiva das mulheres no futebol é constantemente marginalizada, mesmo quando elas estão em posições de liderança. Exemplo disto é que Ana, mesmo sendo treinadora principal, relata que suas instruções, quando assertivas, são atribuídas ao auxiliar homem.

Ambas percebem o machismo institucional quando relatam os ambientes em que decisões femininas são ignoradas, deslegitimadas devido à validação masculina construída socialmente onde homens são mais ouvidos, inclusive quando em posições inferiores. Elas também apontam a exclusão deliberada de recursos e espaços demonstrado no acesso desigual a software, uniformes e estrutura. Ambas relatam isso como parte da normalidade que é reforçada em seu status quo quando até mesmo as atletas e outras mulheres reproduzem o discurso machista.

Isso revela o que Fairclough (1985) chama de ordem do discurso dominante, em que práticas discursivas tradicionais (masculinas) moldam a recepção e legitimidade das falas de outros grupos. Há uma clara negociação simbólica de autoridade: as mulheres precisam

justificar constantemente sua presença e competência.

As entrevistas mostram uma cultura organizacional hierarquicamente masculina, onde o futebol feminino, apesar de institucionalizado, ainda é visto como “extra” ou “obrigatório”, e não essencial. A estrutura de poder permanece assimétrica, evidenciada por desigualdade no acesso a recursos (uniformes, programas, salários), invisibilização das lideranças femininas em decisões técnicas, machismo institucional que persiste mesmo em clubes grandes. Essas práticas, segundo Wodak (2020) apontam para um machismo estrutural legitimado discursivamente, onde o papel das mulheres é condicionado por normas tácitas que desqualificam sua autoridade.

Há uma clara tensão entre a autoridade formal do cargo e a autoridade reconhecida socialmente. Mesmo sendo treinadora principal, Ana precisa disputar o reconhecimento com estagiários ou auxiliares homens, como no trecho: “As meninas acham que ele [auxiliar homem] é quem manda. Se fosse o contrário, iam achar que eu era o pombo-correio dele.”

Isso exemplifica o que Wodack (2009) classifica como desigualdade no acesso discursivo, quando sujeitos têm o direito formal de falar, mas sua fala é invalidada socialmente. Além disso, a prática discursiva é marcada por uma relação dialógica com o entrevistador, que aparece como aliado, criando espaço para relatos profundos, inclusive sobre violência simbólica e emocional.

DISCUSSÃO

A mudança na fórmula de disputa de um ano para o outro da categoria feminina, gerou um decréscimo na quantidade de jogos disputados pelas equipes com impacto maior para as equipes conhecidas como “pequenas”, chamadas deste modo por terem menor poder de investimento financeiro e menos disputas de títulos. Estas equipes podem ter se beneficiado financeiramente desta diminuição pois acarreta menos gastos com deslocamentos, custos com borderôs e tempo de contrato profissional com as atletas. Porém, para as atletas, este impacto é negativo pois há menos tempo jogo competitivo, menor tempo de contrato e, conseqüentemente, menor tempo de uma renda garantida e menos oportunidades de crescimento e identificação profissional.

Além do prejuízo às atletas, as comissões técnicas também sofrem com essa diminuição do calendário competitivo das equipes femininas. Além de terem que lidar com um curto período para planejamento, este tempo também se torna insuficiente para desenvolver e prospectar

atletas, criar um padrão tático e/ou desenvolver um modelo de jogo que possa se tornar uma identidade para o clube.

Dirigentes também são impactados tendo de tomar decisões sobre contratações e planejamento logístico em curtíssimos períodos de tempo, o que acarreta uma pior eficiência na utilização dos recursos e na identificação das peças adequadas para o planejamento ideal da equipe.

Porém, este impacto negativo só é sentido de forma mais intensa nas equipes com menor poderio financeiro e que dependem da federação carioca para formar um calendário competitivo, uma vez que nenhuma destas equipes possuía, até então, competições nacionais em seu portfólio de disputas, rendendo-se, muitas vezes a competições municipais ou de ligas amadoras/semiprofissionais, para dar alguma experiência competitiva e continuar a formação de suas atletas. As equipes ditas “grandes”, chamadas assim por terem maior prestígio no cenário nacional devido a um maior fluxo de disputas de troféu e, também, por um poderio maior de investimento financeiro, estas detêm um calendário mais amplo disputando ao menos duas competições nacionais além da estadual.

Desta maneira, o planejamento destas equipes pode ser executado de maneira mais eficiente com mais tempo para pesquisas, cotações, acordos comerciais, salariais, escolha de profissionais para comissão técnica, departamento médico e atletas que se encaixem no perfil desejado pelo clube, além de um poder maior de atrair atletas com maior índice técnico e tático, já que o clube disputará mais partidas e competições que darão oportunidade de desenvolvimento esportivo e de carreira, dando também maior visibilidade a estas atletas.

Os dados de ocupação das posições de liderança nos demonstram que há uma representatividade muito pequena das mulheres nestes cargos. A cada 5 cargos, 1 apenas é ocupado por uma mulher. Isto ocorre num universo total de possibilidades de ocupação, mas a realidade mostra que no futebol da categoria masculina essa representatividade é nula. Não se vê nenhuma mulher treinadora ou gestora ligada ao futebol nestas categorias. Já na feminina, a representatividade à beira do gramado também é mínima. Das 14 equipes que disputaram as duas edições, apenas Serra Macaense e Vasco tiveram uma liderança técnica feminina, sendo o Serra a única equipe que teve treinadoras nas duas edições, mesmo que em 2024 não tenha iniciado a competição com uma.

Na gestão, apenas o Serra Macaense manteve sua coordenação nos dois anos. O Botafogo escolheu mulheres para a coordenação, mesmo que trocando a profissional de um ano para o outro. O Fluminense é a única equipe que dispõe de uma mulher diretora e ela esteve no cargo na edição e 2024 do campeonato. Estes números nos mostram uma baixa ocupação por

mulheres nestes cargos e as entrevistas trazem a perspectiva destas mulheres sobre as possíveis causas ou motivos para que isto aconteça.

Ana utiliza uma linguagem espontânea, experiencial e afetiva, marcada por informalidade e metáforas do cotidiano. Esse estilo revela não apenas autenticidade, mas também ressonância emocional com as práticas de exclusão.

Pudemos identificar marcas textuais de desigualdade direta em trechos como: “Ele não vai se reportar a uma mulher”, “é puro machismo mesmo”, na resposta dada a questão que investigava se ela já havia percebido preconceito apenas por ser mulher. Quando contava sua história e como iniciou a carreira de treinadora, ela usa do recurso de ironia para amenizar a luta e resistência: “Por fim, insistiram e eu fui”; esta marca revela a resistência inicial diante da função, ressignificada como conquista. Também nessa pergunta, Ana mostra a marca de autopercepção de esforço: “eu estudava, estudava, estudava” trazendo ênfase do mérito como resposta ao descrédito estrutural.

Ana, ao responder sobre se havia vivido preconceitos velados utilizou frases como: “O preparador falava com o estagiário, não comigo”, “ele não vai se reportar a uma mulher”, “esse ambiente é muito difícil para a mulher”, ou “não adianta você ser a melhor no que tu faz, sendo mulher você já tá com menos um ponto”.

Estas expressões revelam marcadores discursivos de exclusão e desvalorização, onde o gênero é o critério silencioso de legitimação ou rejeição de autoridade.

Ana também revela um tratamento diferente não apenas entre os seus pares, mas também da arbitragem. Aqui, utilizaremos também um nome fictício a um treinador a que ela se refere. Ela diz: “Hugo xinga e ninguém faz nada. Eu falo e já levo cartão.” Isto revela o discurso autorizado x desautorizado baseado no gênero, uma vez que ela é forçada a sequer se referir aos árbitros durante a partida. Ao ser questionada sobre como suas comandadas podem encarar a relação com uma mulher no comando, Ana diz que: “o auxiliar briga, mas é ouvido.”, porém quando ela precisa ser a crítica ouve: “Essa mulher é chata”. A aceitação institucional da agressividade masculina como legitimadora das ações é outro ponto que nos revela o quanto a estrutura é voltada para manter o comportamento esperado pelo papel social da mulher construído pelo machismo estrutural.

Ana não se vitimiza e se posiciona criticamente contra a ideia de que o futebol é um “lugar natural” dos homens. Ela questiona a neutralidade institucional e confronta a naturalização da exclusão, como quando discute o desprezo por parte da gestão: “Eles sabem que é sério, mas será que querem que seja?”. Essa frase expõe uma ideologia ambivalente: o futebol feminino é tolerado enquanto obrigação institucional, mas raramente desejado como

projeto autônomo.

A entrevista de Ana revela uma profunda assimetria discursiva de gênero no futebol: mulheres ocupam cargos de poder, mas têm sua autoridade minada por discursos normativos e práticas institucionais masculinas. Fica claro que a linguagem aqui é campo de luta por legitimidade, pertencimento e justiça. Ana, por meio de sua entrevista, transforma sua vivência de exclusão em resistência ativa, desafiando o regime discursivo dominante do futebol masculino.

Maria Luiza adota um discurso mais contido, hesitante e defensivo, em contraste com o tom direto e combativo de Ana. Sua fala está repleta de marcadores de modéstia, insegurança e autorregulação.

Estes marcadores são revelados logo no início, quando pedimos para Maria Luiza dizer como ela se vê e falar da sua trajetória: “eu sou muito introvertida”, “fiquei com medo de assumir o cargo”. Estas frases mostram a modulação do próprio protagonismo. Ela continua: “não sei se seria bem-aceito. . .”, “talvez não seja importante. . .” e mantém a recorrência de modalizadores (indicadores de incerteza).

Depois, quando relata que está em uma nova função em um novo clube diz: “demorei mais de um mês pra conseguir acesso ao sistema”. Este é um claro relato de exclusão prática, porém sem enfrentamento verbal. O uso de uma linguagem mais impessoal e cautelosa revela o que Fairclough (1985) classifica como “autocensura discursiva” — quando o sujeito adapta sua linguagem à expectativa do sistema dominante para evitar rejeição.

A fala de Maria Luíza é posicionada de maneira mais observadora crítica, porém não protagonista. Ela reconhece o machismo institucional, mas o faz de maneira mais descritiva que confrontativa como no trecho: “As atletas acham que quem manda é o coordenador, não a treinadora.”

Esse trecho caracteriza a invisibilização da liderança feminina, até mesmo por parte de outras mulheres. A entrevista dela capta com nitidez os efeitos do que Fairclough (1985) e Wodack (2009) trazem sobre a ordem discursiva hegemônica: o futebol é dominado por normas implícitas que validam o masculino como natural detentor da autoridade.

Quando Maria Luiza responde sobre as pressões do trabalho e se ela percebe influência de gênero no tipo de pressão, ela traz um fato claro de enfraquecimento da autonomia da mulher treinadora: “O presidente dava pitaco, queria se meter no jogo.”

Esta fala denota um descrédito institucional sobre o trabalho do departamento da categoria feminina do futebol. Ambas, quando questionadas sobre se os clubes manteriam investimento no departamento caso não houvesse a obrigatoriedade, são categóricas em

apontar a improbabilidade disto. As duas treinadoras creem que, caso não houvesse mais a obrigatoriedade imposta pela CBF em 2019 para clubes que disputam a série A do campeonato brasileiro e agora estendida, a partir de 2027, para os clubes das quatro divisões, de manter um departamento profissional de futebol feminino, o mais provável é que os clubes ou desfizessem ou mantivessem de maneira amadora as equipes mantendo apenas atletas para possibilidades de arrecadar com transferências.

A entrevista de Maria Luiza evidencia que a opressão de gênero no futebol perpetua sua operação pelo silenciamento simbólico e pelas exclusões burocráticas sutis. Sua fala aponta o impacto da ordem discursiva dominante: mesmo quando mulheres estão em posições de comando, sua legitimidade é constantemente colocada em dúvida, inclusive por outras mulheres. A resistência, aqui, é menos confrontativa e mais tática, marcada por uma lógica de sobrevivência em um ambiente que não a reconhece como protagonista legítima.

A prática social descrita por elas é de um futebol com divisão simbólica rígida de gênero, onde mulheres, mesmo em cargos de liderança, precisam negociar continuamente sua autoridade — seja por confronto como Ana, ou adaptação como Maria Luiza. Compreendem, então, que o futebol continua estruturado sobre uma lógica de dominação simbólica masculina, onde o discurso da autoridade feminina é sistematicamente deslegitimado não bastando ocupar cargos, é preciso disputar constantemente o direito de ser ouvida e respeitada.

CONCLUSÃO

É notória a subrepresentatividade feminina em posições de liderança no futebol carioca. Porém, este não é um fato dissociado do comportamento mundial. Por mais que se perceba um aumento da participação das mulheres nos departamentos de futebol, esta presença ainda se dá em maior prevalência nos cargos e posições que, de alguma maneira, se aproximam ou reforçam o papel social da mulher construído historicamente em nossa sociedade.

As posições de liderança ainda são majoritariamente masculinas, re-forçando o status quo social e desafiando as mulheres que as ocupam a demonstrarem uma performance de gênero e resultados irretocáveis para que tenham seu potencial reconhecido por sua capacidade técnica. Esta liderança é, ainda, questionada inclusive por suas comandadas. Atravessa-das pelo machismo estrutural cristalizado no futebol, muitas delas também reproduzem a ideia coletiva de que o homem quem detém o poder de liderar. Todavia, é possível perceber que as mulheres que alcançam estas posições se dedicam com afinco no desenvolvimento de outras lideranças

femininas, nos fazendo perceber que, mesmo sendo um ambiente ainda muito hostil a elas, há a perspectiva de que ele melhore quando mais de suas pares estiverem presentes como partícipes desse esporte. Estas lideranças também acreditam que a maior representatividade transforma a perspectiva de atletas, ex-atletas e mulheres apaixonadas pelo futebol, as fazendo compreender que é possível sim ocupar cargos de liderança e contribuir para a formação de atletas, clubes, torcedores e ambientes mais inclusivos e representativos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. C. B.; LIMA, D. R. Judith Butler sobre o gênero: as performances e os corpos estranhos. *Kinesis*, v. 14, n. 36, p. 444–463, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2022.v14n36.p444-463>.
- FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. *Journal of Pragmatics*, v. 9, n. 6, p. 739–763, 1985.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143–151, jun. 2005.
- HERSEY, P.; BLANCHARD, K. H. Life cycle theory of leadership. *Training & Development Journal*, v. 23, n. 5, p. 26–34, 1969.
- NOVAIS, M. C. B.; MOURO, L.; SOUZA JUNIOR, O. M. de; MONTEIRO, I. C.; PIRES, B. A. B. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. *Movimento (Porto Alegre)*, v. 27, e27023, 2021.
- O'CONNOR, C.; GRAPPENDORF, H.; BURTON, L.; HARMON, S. M.; HENDERSON, A. C.; PEEL, J. National Collegiate Athletic Association Division I football players' perceptions of women in the athletic training room using a role congruity framework. *Journal of Athletic Training*, v. 45, n. 4, p. 386–391, ago. 2010.
- PASSERO, J. G.; BARREIRA, J.; TAMASHIRO, L.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. *Movimento (Porto Alegre)*, v. 26, e26060, 2020.
- ROCHA, A. Undoing Gender. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, p. 143–145, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/pdf/875>. Acesso em: (inserir data de acesso).
- SOUZA, M. T. O.; CAPRARO, A. M. Atletas mulheres relembrando do futebol na infância: a transposição de fronteiras de gênero. *Revista de Educação Física*, v. 28, n. 1, 2017.
- WODAK, R. 'The boundaries of what can be said have shifted': An expert interview with Ruth Wodak (questions posed by Andreas Schulz). *Discourse & Society*, v. 31, n. 2, p. 235–244, 2020.
- WODAK, R.; MEYER, M. Critical discourse analysis: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. (ed.). *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2009. p. 1–33.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória a subrepresentatividade feminina em posições de liderança no futebol carioca. Porém, este não é um fato dissociado do comportamento mundial. Por mais que se perceba um aumento da participação das mulheres nos departamentos de futebol, esta presença ainda se dá em maior prevalência nos cargos e posições que, de alguma maneira, se aproximam ou reforçam o papel social da mulher construído historicamente em nossa sociedade.

As posições de liderança ainda são majoritariamente masculinas, re-forçando o status quo social e desafiando as mulheres que as ocupam a demonstrarem uma performance de gênero e resultados irretocáveis para que tenham seu potencial reconhecido por sua capacidade técnica. Esta liderança é, ainda, questionada inclusive por suas comandadas. Atravessadas pelo machismo estrutural cristalizado no futebol, muitas delas também reproduzem a ideia coletiva de que o homem quem detém o poder de liderar. Todavia, é possível perceber que as mulheres que alcançam estas posições se dedicam com afinco no desenvolvimento de outras lideranças femininas, nos fazendo perceber que, mesmo sendo um ambiente ainda muito hostil a elas, há a perspectiva de que ele melhore quando mais de suas pares estiverem presentes como partícipes desse esporte. Estas lideranças também acreditam que a maior representatividade transforma a perspectiva de atletas, ex atletas e mulheres apaixonadas pelo futebol, as fazendo compreender que é possível sim ocupar cargos de liderança e contribuir para a formação de atletas, clubes, torcedores e ambientes mais inclusivos e representativos.

Reconhecemos que, neste caso de pesquisa, a amostra qualitativa é uma limitação. As entrevistas aqui realizadas, servem como estudos de caso ilustrativos, e não como uma representação ampla da população, ainda que a população estudada seja um quantitativo relativamente pequeno, frente ao cenário do futebol.

Todavia, não se deve deixar de enfatizar a contribuição deste trabalho no mapeamento inédito do cenário carioca. Por mais que pesquisas existam pesquisas em abordagem nacional e internacional semelhantes, nosso debruçar se dá em uma realidade de base sustentatória de toda a cadeia do futebol profissional. Afinal, são as federações estaduais que acompanham na ponta o desenvolvimento do futebol.

Importante também considerar que este estudo tem relevância na aplicação da ACD para entender as várias nuances do machismo no futebol. Em um ambiente de muito preconceito velado, a análise do discurso nos ajuda a entender o que foi dito, mesmo quando não falado. Entender o discurso é essencial, inclusive, para se combater a violência institucional e o assédio moral que podem vir a ser praticados contra estas mulheres líderes. Ademais, fica clara a

necessidade de futuros estudos com uma amostra qualitativa maior, que incluam uma investigação direta das políticas institucionais dos clubes. O acesso a estas informações, a mais clubes e projetos e um mapeamento mais amplo em mais federações ou regiões é de suma importância para que se compreenda qual o real andamento da evolução do futebol praticado por mulheres no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. *Ciência e Cultura*, v. 58, n. 4, p. 40-41, 2006.
- AITCHISON, Cara Carmichael. Feminist and gender research in sport and leisure management: Understanding the social-cultural nexus of gender-power relations. *Journal of Sport Management*, v. 19, n. 4, p. 422-441, 2005.
- ALVES, M. A. R.; KVIATKOVSKI, B. L. Perfil dos professores/técnicos das equipes de futsal masculino da categoria a dos jogos estudantis da primavera: um comparativo dos anos de 2013 com o ano de 2015. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 9, n. 35, p. 392-398, 2017.
- AMARAL, R. C. B.; LIMA, D. R. Judith Butler sobre o gênero: as performances e os corpos estranhos. *Kinesis*, v. 14, n. 36, p. 444-463, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2022.v14n36.p444-463>.
- BURTON, Laura J. Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research. *Sport Management Review*, v. 18, n. 2, p. 155-165, 2015.
- BUTLER, Judith. Papel social da mulher. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. *Folha de São Paulo*, v. 19, n. 11, 2017.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, p. 249-274, 2014.
- CALHEIRO, Ineildes. As mulheres árbitras de futebol: tecnologias de gênero e divisão sexual do trabalho. *Rigã: Novas Edições Acadêmicas*, 2017.
- CARDOSO, Fernando Luiz et al. O impacto da identidade de gênero na autoavaliação corporal e motora de atletas de ambos os sexos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 17, n. 4, p. 64-71, 2009.
- DOS SANTOS, Ineildes Calheiro. As mulheres no mundo da arbitragem futebolística: a construção dos corpos e a dominação masculina no futebol. *Seminário Interlinhas*, v. 2, n. 1, p. 93-100, 2014.
- ECKHARDT DE LIMA, A. L.; ALCANTARA HECKTHEUER, L. F. Sport Club Internacional: sobre o futebol de mulheres no clube do povo. *Revista Didática Sistemática*, v. 21, n. 1, p. 85-96, 2020.
- FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. *Journal of Pragmatics*, v. 9, n. 6, p. 739-763, 1985.

- FERREIRA, Heidi Jancer et al. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Movimento*, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.
- FERREIRA, Heidi Jancer et al. Barriers faced by Brazilian female coaches. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 31, n. 2, p. 479-488, 2017.
- FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila Nunes. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. *Journal of Physical Education*, v. 26, n. 1, p. 21-29, 2015.
- FORBES, A.; EDWARDS, L.; FLEMING, S. 'Women can't referee': exploring the experiences of female football officials within UK football culture. *Soccer & Society*, v. 16, n. 4, p. 521–539, 4 jul. 2015.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio/ago. 2007.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143–151, jun. 2005.
- GUIRRA, Frederico Jorge Saad; ALMEIDA, Jacqueline Vieira. Análise da percepção de jogadores de futebol amador sobre mulheres que praticam o futebol. *Pensar a Prática*, v. 18, n. 3, p. 625–635, 2015.
- HERSEY, P.; BLANCHARD, K. H. Life cycle theory of leadership. *Training & Development Journal*, v. 23, n. 5, p. 26–34, 1969.
- LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge; BARTHOLO, Tiago Lisboa. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. *Movimento*, v. 12, n. 3, p. 165–191, 2006.
- MARTINS, Mariana Zuaneti et al. Foresight. *Revista Estudos Feministas*. (no prelo)
- MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. *Movimento*, 2021.
- MAZEROLLE, S. M.; BRUENING, J. E.; CASA, D. J.; BURTON, L. J. Work-family conflict, part II: Job and life satisfaction in national collegiate athletic association division I-A certified athletic trainers. *Journal of Athletic Training*, v. 43, n. 5, p. 513–522, out. 2008.
- MESQUITA, Idalina Borges et al. Are there opportunities for women as head coaches in Brazil's national teams? The case of handball. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 28, n. spe1, p. e10220010421, 2022.
- MYSKIW, Mauro. Sociabilidades de mulheres na várzea: ensaio etnográfico acerca de relações de gêneros num circuito de futebol de Porto Alegre. *Motrivivência*, v. 28, n. 49, p. 114–127, 2016.
- NASH, C., & COLLINS, D. "Tacit knowledge in expert coaching: Science or art?" *Quest*, vol. 58, no. 4, pp. 465-477, 2006.
- NOVAIS, M. C. B.; MOURO, L.; SOUZA JUNIOR, O. M. de; MONTEIRO, I. C.; PIRES, B. A. B. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. *Movimento*, v. 27, e27023, 2021.

O'CONNOR, C.; GRAPPENDORF, H.; BURTON, L.; HARMON, S. M.; HENDERSON, A. C.; PEEL, J. National Collegiate Athletic Association Division I football players' perceptions of women in the athletic training room using a role congruity framework. *Journal of Athletic Training*, v. 45, n. 4, p. 386–391, ago. 2010.

OLIVEIRA SOUZA, M. T.; MENDES CAPRARO, A.; JENSEN, L. Mulheres fora da área: escritoras "arriscando-se" a dissertar sobre futebol. *Motrivivência*, v. 29, n. 50, p. 140, 2017.

PASSERO, Julia Gravena et al. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. *Movimento*, v. 26, e26060, 2020.

PASSERO, Julia; XAVIER, Luísa. A mulher nos cargos de gestão nas federações do futebol brasileiro em 2019. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GESTÃO E POLÍTICAS PARA O ESPORTE, 2019. Anais... [S.l.: s.n.], 2019.

PEREIRA, M. C.; IMPOLCETTO, F. M. MOOC histórias do futebol praticado por mulheres no Brasil: o olhar avaliativo de professores e estudantes concluintes. *Corpoconsciência*, p. 53–69, 2022.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico. *Revista Estudos Feministas*, 2021.

PRICE, M. S., & WEISS, M. R. "Relationships among Coach Leadership, Peer Leadership, and Adolescent Athletes' Psychosocial and Team Outcomes: A Test of Transformational Leadership Theory." *Journal of Applied Sport Psychology*, vol. 25, no. 2, pp. 265-279, 2013. DOI: [10.1080/10413200.2012.725703](https://doi.org/10.1080/10413200.2012.725703)

ROCHA, A. Undoing Gender. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, p. 143–145, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/pdf/875>. Acesso em: (inserir data de acesso).

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. *Revista USP*, n. 122, p. 49-62, 2019.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 30, n. 2, p. 303–311, 2016.

SANTIAGO, Karolina Silva; FRANCO, Neil. Gênero e futebol feminino nos periódicos brasileiros da educação física (1979-2019). *Pensar a Prática*, v. 25, 2022.

SILVA, Giovana Capucim. Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2017.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes. Atletas mulheres relembrando do futebol na infância: a transposição de fronteiras de gênero. *Revista de Educação Física*, v. 28, n. 1, 2017.

SMITH, R. E., & SMOLL, F. L. "Cognitive-behavioral coach training: A translational approach to theory, research, and intervention." In J. M. Williams & V. Krane (Eds.), *Applied sport psychology* (7th ed., pp. 227-248). New York: McGraw-Hill, 2015.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; MORAES E SILVA, Marcelo. Habilidade e beleza: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. *Movimento*, v. 23, n. 3, 2017.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitan de. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. *Movimento*, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.

TEROSSI, M. B.; D'ANGELO, A. P. Futebol e gênero: a visão nacional sobre a prática do futebol entre as mulheres. 2009.

THEBERGE, Nancy. The construction of gender in sport: Women, coaching, and the naturalization of difference. *Social Problems*, v. 40, n. 3, p. 301-313, 1993.

TRAJANO, R. W.; FRANCO, N.; RODRIGUES, M. C.; FERNANDES, L. A. B. Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher. *Conexões*, v. 15, n. 1, p. 65, 2017.

VARGAS, L. de F.; SILVA, M. C.; CAPUTO, E. L. Caracterização do perfil dos treinadores de futsal feminino de equipes que disputam os jogos abertos de Pelotas. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 9, n. 33, p. 151–159, 2017.

VIEIRA, Talita Machado; JUSTO, José Sterza; MANSANO, Sonia Regina Vargas. Corpo e gênero na experiência inicial de jogadoras de futebol. *Revista Estudos Feministas*, 2021.

WODAK, R. 'The boundaries of what can be said have shifted': An expert interview with Ruth Wodak (questions posed by Andreas Schulz). *Discourse & Society*, v. 31, n. 2, p. 235–244, 2020.

WODAK, R.; MEYER, M. Critical discourse analysis: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. (ed.). *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2009. p. 1–33.

APÊNDICE A - TCLE

Título do Estudo: REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM POSIÇÕES DE LIDERANÇA NO FUTEBOL BRASILEIRO

Pesquisador Responsável: Frederico Guimarães de Oliveira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de um RELATO DE CASO. Esse tipo de pesquisa é importante porque destaca alguma situação incomum e/ou fato inusitado do comportamento. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor (a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-lo.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o relato de caso e solicitar a sua permissão para que o mesmo seja publicado em meios científicos como revistas, congressos e/ou reuniões científicas de profissionais da saúde ou afins.

O objetivo desta pesquisa é examinar a participação de mulheres em comissões técnicas de clubes de futebol no Brasil, analisando seu perfil, as oportunidades e desafios enfrentados, bem como as políticas e práticas de inclusão e diversidade, adotadas pelos clubes e compreender se há justa ocupação dos espaços, remuneração e políticas institucionais de equidade nos clubes do futebol brasileiro.

Se o(a) Sr.(a) aceitar a participação neste estudo, os procedimentos envolvidos são a assinatura deste termo, uma entrevista gravada que se ajustará à sua disponibilidade, sobre sua vivência no ambiente do futebol e posterior análise do discurso.

É preciso que saiba que esta é uma pesquisa de baixo risco. Contudo, a descrição do relato de caso pode gerar algum desconforto, constrangimento ou reflexão que toque em emoções mais profundas. Caso haja a ocorrência de algumas destas situações, o(a) Sr. (a) será acompanhado pelo pesquisador principal deste estudo até um dos núcleos de atendimento psicológico da universidade. Outrossim, para minimizar o risco de quebra de confidencialidade (algum dado que possa identificar o(a) Sr.(a) ser exposto publicamente), NENHUM DADO QUE POSSA IDENTIFICAR O(A) SR(A) COMO NOME, CODINOME, INICIAIS, REGISTROS INDIVIDUAIS, INFORMAÇÕES POSTAIS, NÚMEROS DE TELEFONES, ENDEREÇOS ELETRÔNICOS, FOTOGRAFIAS, FIGURAS, CARACTERÍSTICAS

MORFOLÓGICAS

(partes do corpo), entre outros serão utilizados sem sua autorização. Deste modo, os dados serão armazenados em disco rígido externo, fora de ambiente virtual que possa impedir fuga de informações por ataques ou invasões de terceiros. Permanecerão sob guarda e responsabilidade do pesquisador principal, por 5 anos após o término da pesquisa. Após o cumprimento do prazo, os dados serão depositados no arquivo morto do Programa de Pós-graduação da universidade e não serão armazenados na “nuvem”, de modo a evitar qualquer possibilidade de vazamento.

Este relato de caso também pode trazer benefícios. Os possíveis benefícios resultantes da participação na pesquisa são: a reflexão de clubes e instituições sobre os benefícios de uma maior representatividade feminina em comissões técnicas; a criação de políticas públicas e institucionais que levem a uma maior equidade na participação da mulher nos processos de tomada de decisão no futebol e a criação de um ambiente mais adequado para a participação plural nas comissões técnicas e em toda a hierarquia de tomadas de decisão no futebol.

Sua participação neste relato de caso é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso o(a) Sr.(a) decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a realização do relato de caso, não haverá nenhum prejuízo ao atendimento que você

Rubrica do participante/responsável recebe ou que possa vir a receber na instituição.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação neste relato de caso e o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos.

Caso ocorra algum problema ou dano com o(a) Sr.(a), resultante deste relato de caso, o(a) Sr.(a) receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal e pelo tempo que for necessário, conforme especifica a Carta Circular no 166/2018 da CONEP.

É garantido ao Sr.(a), o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o relato de caso e suas consequências, enfim, tudo o que o(a) Sr.(a) queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Caso o(a) Sr.(a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Frederico Guimarães de Oliveira, pelo telefone +55 22 997215401, endereço Rua Mario Matos, 70 Parque São Caetano, Campos dos Goytacazes e/ou pelo e-mail frdguimaraes@yahoo.com.br, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa, Comitê de Ética da Universidade Salgado de Oliveira – ASOEC – UNIVERSO, localizada à rua Marechal Deodoro, 263 Bl B – térreo, Centro, Niterói, RJ, CEP: 24030-060. Tel: (21)2138-4983. E-mail: cepuniverso@nt.universo.edu.br

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) e a outra para os

pesquisadores.

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado: REPRESENTATIVIDADE FEMININA
EM POSIÇÕES DE LIDERANÇA NO FUTEBOL BRASILEIRO

Eu, Frederico Guimarães de Oliveira, declaro cumprir as exigências contidas nos itens
IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

Assinatura e carimbo do Pesquisador

Data: 12 / 11 / 2024

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Primeira etapa: a experiência de responder ao questionário

1. Você já participou de uma pesquisa deste tipo antes?
2. Como se sentiu ao ser convidado(a) para participar desta pesquisa?
3. O que você acha de uma pesquisa preocupada com a representatividade feminina em comissões técnicas no futebol?

Parte 1: Autodefinição e características socioculturais

1. Como você se descreve? Isto é, como você diria quem é você para alguém?
2. Qual a sua naturalidade?
3. Qual a sua idade?
4. Há quanto tempo você está no futebol?
5. Qual sua formação acadêmica?
6. Quais formações você tem na área do futebol?
7. Como foi sua trajetória dentro do futebol?

Parte 2: O ambiente do Futebol para a Mulher

1. Como você se sente trabalhando em um clube de futebol?
2. Este ambiente é, no dia a dia, bom?
3. Quais fatores afetam o ambiente de trabalho?
4. Você se sente representada neste lugar?
5. Você acredita ter o suporte e a segurança necessários para desenvolver o seu trabalho?
6. Você acha que o clube acredita no seu departamento?
7. Você já sofreu ou percebeu algum tipo de preconceito de gênero no seu departamento?
8. Você acredita que o ambiente do futebol é um ambiente muito masculinizado?

Parte 3: A participação da mulher nas tomadas de decisão

1. As mulheres são ouvidas da mesma maneira que os homens quando se traçam os planos para o departamento?

2. Quando uma mulher traz uma ideia, uma inovação, ela recebe a mesma acreditação que um homem?
3. As decisões tomadas por mulheres têm a mesma aceitação pelo departamento de futebol que as decisões tomadas pelos homens?
4. Você já percebeu alguma desconfiança, clara ou disfarçada, por uma informação ou decisão de uma mulher?
5. Os (as) atletas têm a mesma confiança nas instruções dadas por você ou por um profissional homem?
6. Você acredita que atletas homens se sentem desconfortáveis quando há presença de mulheres na comissão técnica?
7. Você já viveu ou presenciou algum desdém de alguém do departamento por uma decisão tomada por uma mulher apenas pelo fato de ter vindo dela?

Parte 4: As oportunidades

1. Você acredita que hoje as mulheres têm amplas possibilidades de trabalhar no futebol?
2. O espaço ocupado pelas mulheres são lugares de liderança?
3. Na sua visão, os clubes disponibilizam oportunidades da mesma maneira para homens e para mulheres?
4. Você afirmaria que os cargos no futebol são ocupados pela pessoa mais qualificada disponível, sem haver diferença se é homem ou mulher?
5. Caso houvesse uma campanha para se disponibilizar mais oportunidades para mulheres no futebol, você acredita que isso seria bem aceito pelos clubes?
6. As mulheres têm a mesma estabilidade no cargo do que os homens?
7. A cobrança por resultados é igual para homens e mulheres?

Parte 5: A representatividade

1. Faz diferença para as atletas ter uma mulher na comissão técnica?
2. Você já percebeu alguma diferença no comportamento das atletas quando elas são lideradas por mulheres?
3. Para as atletas, o ambiente fica mais receptivo quando há mulheres presentes na comissão técnica?
4. Você acredita que, hoje, a quantidade de mulheres em comissões técnicas no futebol

é suficiente para que as mulheres se sintam representa-das?

5. Você acredita que mais meninas praticariam o futebol se houvessem mais mulheres comandando as comissões?

6. Na sua opinião, qual a importância de se ter mais mulheres atuando em comissões técnicas de futebol?

ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

O discente da **ASSOCIAÇÃO SALGADO DE OLIVEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA – ASOEC**, mantenedora da **UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA - UNIVERSO**, com sede na cidade de Niterói - RJ, à rua Marechal Deodoro, 217 – Bloco A, inscrita no CNPJ sob o nº 28.638.393/0003-44, na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho indicado abaixo, nos moldes da Lei nº. 9610/98, ao assinar o presente termo, ato esse de livre vontade, **AUTORIZA** que:

A Universidade Salgado de Oliveira - UNIVESO publique, de forma gratuita, por tempo indeterminado, em ambiente digital institucional, sem qualquer tipo de ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral do Trabalho de Conclusão de Curso descrito abaixo, em formato PDF e/ou outro que identifique ser mais adequado, a título de divulgação da produção científica gerada pela Instituição de Ensino Superior.

Nome _____ do
discente/autor: _____

Curso: _____

Título do Trabalho de Conclusão de
Curso: _____

Endereço: _____

CPF: _____

RG: _____

E-mail: _____ Telefone: _____

() _____

O discente está ciente quanto a sua responsabilidade de originalidade e que detém o direito de disponibilizar a obra indicada nesta autorização, conforme art. 30, da Lei 9.610/98, sendo, contudo, vedada a cópia/plágio de trabalhos de terceiros. Assim, quaisquer medidas

judiciais ou extrajudiciais concernentes a divulgação/reprodução/cópia/exposição/venda de seu conteúdo, sem autorização do titular dos direitos autorais, serão de inteira responsabilidade do infrator e de iniciativa exclusiva do discente/autor.

Niterói, _____ de _____ de _____.

Discente